

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**MARCOS TADEU PEREIRA DE QUEIROZ**

**“CINEMA CONTRA HOMOFOBIA”**

**A utilização do cinema como recurso pedagógico contra a homofobia**

CATALÃO

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR  
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES  
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico:     Dissertação     Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

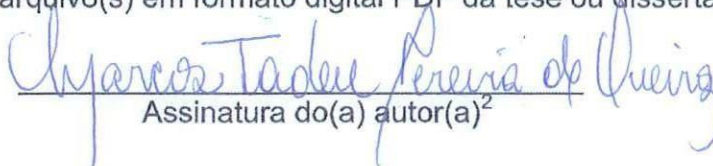
Nome completo do autor: Marcos Tadeu Pereira de Queiroz

Título do trabalho: "CINEMA CONTRA HOMOFOBIA" A utilização do cinema como recurso pedagógico contra a homofobia

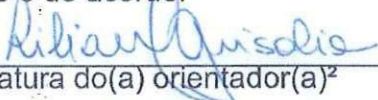
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

  
Assinatura do(a) autor(a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:

  
Assinatura do(a) orientador(a)<sup>2</sup>

Data: 13 / 12 / 2019

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

**MARCOS TADEU PEREIRA DE QUEIROZ**

**“CINEMA CONTRA HOMOFOBIA”**

**A utilização do cinema como recurso pedagógico contra a homofobia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Marta Grisolio.

Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Práticas Educativas.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

PEREIRA DE QUEIROZ, MARCOS TADEU

“CINEMA CONTRA HOMOFOBIA” [manuscrito] : A utilização do cinema como recurso pedagógico contra a homofobia / MARCOS TADEU PEREIRA DE QUEIROZ. - 2019.

109, CVI f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Lilian Marta Grisolio.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais, Catalão, Programa de Pós-Graduação em História (profissional), Catalão, 2019.

Bibliografia. Anexos.

Inclui siglas, fotografias, gráfico, lista de figuras.

1. Homofobia. 2. Educação. 3. Cinema. 4. História. 5. LGBTQ+. I. Grisolio, Lilian Marta , orient. II. Título.

CDU 94



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 54 da sessão de Defesa de Dissertação de **Marcos Tadeu Pereira de Queiroz**, que confere o título de Mestre(a) em História – nível Mestrado Profissional, na área de concentração em História.

Ao/s **dez dias do mês dezembro de dois mil e dezenove**, a partir da(s) **14h00**, no(a) **Laboratório de Informática, Sala 11 Bloco C UFG - Regional Catalão** da **Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais**, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada **“CINEMA CONTRA HOMOFOBIA” A utilização do cinema como recurso pedagógico contra a homofobia**. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Orientador(a), Professor(a) Doutor(a) **Lilian Marta Grisolio INHCS/UFG/RC** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor(a) Doutor(a) **Marise Vicente de Paula UEG**, membro titular externo; Professor(a) Doutor(a) **Fabiana Jordão Martinez INHCS/UFG/RC**, membro titular. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato aprovado pelos membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Lilian Marta Grisolio**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, ao(s) **dez dias do mês dezembro de dois mil e dezenove**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Lilian Marta Grisolio, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2019, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabiana Jordão Martinez, Professor do Magistério Superior**, em 10/12/2019, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marise Vicente de Paula, Usuário Externo**, em 10/12/2019, às 18:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1041640** e o código CRC **2890AF79**.

Referência: Processo nº 23070.045319/2019-54

SEI nº 1041640

*Dedico a memória de minha mãe, que na sua  
ausência se faz presente há 26 anos.*

*Dedico para quem um dia foi homofóbico  
comigo: vocês me fizeram ter orgulho de mim.*

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo central propor a utilização do cinema como recurso pedagógico para discussões e combate de questões relativas à homofobia dentro do ambiente escolar. O intuito é auxiliar e na compreensão acerca da necessidade do aprimoramento das discussões sobre homofobia na sociedade e mais especificamente nas escolas. Desta forma, esta pesquisa tem como produto final uma proposta de intervenção pedagógica que foi nomeada de “Cinema contra a Homofobia”, utilizando para tal o filme *Hoje eu quero voltar sozinho*. Parte-se do entendimento de que a escola completa a formação do indivíduo, sendo função social do educador conscientizar os alunos e alunas sobre direitos e deveres, necessários à convivência social harmônica, principalmente diante dos índices alarmantes de violência e discriminação praticadas contra o grupo de Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis e Transexuais ou Transgêneros ( LGBTQ+) na atualidade. Logo, não há como deixar essas discussões à margem do processo educativo, especialmente considerando que a escola é um dos ambientes mais favoráveis à proliferação do preconceito, como o bullying homofóbico. Neste sentido, busca-se nesse trabalho demonstrar que é possível inserir essas discussões nas escolas como parte da relação ensino-aprendizagem através da utilização de recursos fílmicos e práticas pedagógicas de combate aos preconceitos e discriminações.

**Palavras-Chave:** Homofobia; Educação; Cinema; História, LGBTQ+.

## RESUMEN

El objetivo principal de esta investigación es proponer el uso del cine como un recurso pedagógico para las discusiones y la lucha contra los problemas relacionados con la homofobia en el entorno escolar. El objetivo es ayudar y comprender la necesidad de mejorar los debates sobre la homofobia en la sociedad y más específicamente en las escuelas. De esta manera, esta investigación tiene como producto final una propuesta de intervención pedagógica que se denominó "Cine contra la homofobia", utilizando la película Hoy quiero volver sola. Se basa en el entendimiento de que la escuela completa la formación del individuo, siendo la función social del educador sensibilizar a los estudiantes sobre los derechos y deberes, necesarios para una convivencia social armoniosa, especialmente en vista de las alarmantes tasas de violencia y discriminación practicadas contra el grupo de Lesbianas, gays, bisexuales Travestis y transexuales o transgénero (LGBTQ +) hoy. Por lo tanto, no hay forma de dejar estas discusiones aparte del proceso educativo, especialmente teniendo en cuenta que la escuela es uno de los entornos más favorables para la proliferación de prejuicios, como el acoso homofóbico. En este sentido, este trabajo busca demostrar que es posible insertar estas discusiones en las escuelas como parte de la relación de enseñanza-aprendizaje mediante el uso de recursos cinematográficos y prácticas pedagógicas para combatir los prejuicios y la discriminación.

**Palabras clave:** Homofobia; Educación; Cine; Historia, LGBTQ +.

## AGRADECIMENTOS

Ao final do Mestrado Profissional em História, cursado durante dois anos na Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão gostaria de agradecer às pessoas que se fizeram presentes nesta jornada.

Primeiramente agradeço a Deus meu pai Olorum que me dá a alegria de viver no Aiyê.

Agradeço a Ildo Marcos, meu benzinho, por todo o apoio e paciência.

Agradeço a minha orientadora, professora Dra. Lilian Marta Grisolio, pela atenção e extrema paciência que teve ao me orientar. Sou grato por seus ensinamentos.

Agradeço minha colega de mestrado e amiga do peito, Keli “Veja Bem” Evangelista.

Agradeço ao editor, fotografo e diagramador Fagner Mesquita e ao professor e biólogo Nicolau Primola.

Agradeço a Nádia Maria mais conhecida como Mademoiselle Canelinha.

Agradeço a minha primeira amiga em Paracatu Rosa Pais.

Aos professores que foram fundamentais para meu aprendizado: Paulo Cesar, Claudio, Eliane e Lilian Grisolio.

Ao papai e aos meninos lá de casa.

Agradeço a Maura, Cinara, Gislane Lorena amigas e colegas da Escola Estadual Temístocles Rocha.

Agradeço a Dra. Ana Paula por ter conseguido controlar minhas crises de ansiedade e de pânico e que só assim consegui concluir esse trabalho.

Agradeço a Babalorisà Alafandejò Obatalatonan pelos cuidados espirituais.

Às entidades de luz que me protegeram no trajeto entre Paracatu e Catalão durante todo o período do curso.

Agradeço a Dona Maria Mulambo das Sete Catacumbas.

Agradeço ao meu pai Oxóssi que abriu meus caminhos e me sustenta até aqui.

Aos amigos do Instituto Federal do Triângulo Mineiro - Campus Paracatu.

## LISTA DE SIGLAS

|            |  |
|------------|--|
| ANCINE     | Agência Nacional do Cinema   |
| CID        | Código Internacional das Doenças   |
| CF         | Constituição Federal   |
| CFM        | Conselho Federal de Medicina   |
| CFP        | Conselho Federal de Psicologia   |
| Embrafilme | Empresa Brasileira de Filmes S/A   |
| INCE       | Instituto Nacional de Cinema Educativo                                       |
| LGBTQ+     | Lésbicas, Gays, Bissexuais Travestis e Transexuais ou Transgêneros e Queers. |
| OMS        | Organização Mundial da Saúde   |
| PCNs       | Parâmetros Curriculares Nacionais  |
| STF        | Supremo Tribunal Federal   |
| UFG        | Universidade Federal de Goiás  |

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1- Cartaz do filme Kinsey: Vamos falar de sexo .....          | 32 |
| Figura 2- Clodovil .....   | 33 |
| Figura 3- Dener Pamplona .....                                       | 34 |
| Figura 4- Clovis Bornay .....  | 34 |
| Figura 5- Ney Latorraca como Anabela em 'Um sonho a mais' .....      | 35 |
| Figura 6- Christiane Torloni e Silvia Pfeifer em Torre de Babel..... | 36 |
| Figura 7- Natalia Thimberg e Fernanda Montenegro.....                | 36 |
| Figura 8- Evolução nas mortes de LGBTQ+ no Brasil .....              | 50 |
| Figura 9- Cena do filme Anibal quer casar. ....                      | 64 |
| Figura 10- Cartaz do filme Amor Bandido.....                         | 64 |
| Figura 11- Cartaz do filme A Rainha Diaba .....                      | 65 |
| Figura 12- Cartaz de Espelho de Carne .....                          | 65 |
| Figura 13- Cartaz de Toda Nudez será castigada .....                 | 66 |
| Figura 14- Cartaz de A opera do Malandro.....                        | 67 |
| Figura 15- Cartaz do filme Madame Satã.....                          | 67 |
| Figura 16- Cartaz do filme O menino e o vento .....                  | 68 |
| Figura 17- Cartaz de Vera. ....                                      | 68 |
| Figura 18- Cartaz de Pixote.....                                     | 69 |
| Figura 19- Cartaz de O beijo da Mulher Aranha.....                   | 69 |
| Figura 20- Cartaz de Hoje eu não quero voltar sozinho, .....         | 81 |

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Introdução.....</b>  | <b>13</b> |
| <b>1- A construção social do preconceito homofóbico.....</b>                      | <b>25</b> |
| 1.2 O Bullying homofobico.....  | 37        |
| <b>2 Reflexões sobre o preconceito numa sociedade sexualmente hierquizada ...</b> | <b>45</b> |
| <b>2.1 O surgimento e fortalecimento dos grupos LGBTQ+.....</b>                   | <b>52</b> |
| <b>3 Cinema e escola .....</b>  | <b>56</b> |
| <b>3.1 A perspectiva histórica do cinema brasileiro .....</b>                     | <b>56</b> |
| <b>3.2 Breves apontamentos da abordagem da temática LGBTQ+ no cinema .....</b>    | <b>61</b> |
| <b>3.3 Cinema como recurso didático no enfrentamento à homofobia .....</b>        | <b>70</b> |
| <b>3.4 A escolha do filme.....</b>  | <b>74</b> |
| <b>3.5 Relato da oficina: "Cinema contra a homofobia" .....</b>                   | <b>78</b> |
| 3.5.1 A roda de conversa.....   | 78        |
| 3.5.2 A exibição do filme .....   | 81        |
| 3.5.2 A confecção de redação e roteiro de programa de rádio.....                  | 82        |
| <b>Considerações finais .....</b>   | <b>84</b> |
| <b>Filme.....</b>   | <b>86</b> |
| <b>Referências.....</b>   | <b>86</b> |
| <b>Anexos.....</b>  | <b>95</b> |

## INTRODUÇÃO

No momento conturbado e de afloramento dos preconceitos em que vivemos em nosso país, debruçar-se sobre pesquisas, como a nossa, que tenham relações diretas ou indiretas com as questões LGBTQ+ exige bastante força de vontade e coragem por parte do pesquisador.

Neste sentido, em nosso trabalho estamos imbuídos dessa coragem para pesquisar a utilização do cinema como meio pedagógico de discussão das questões homofóbicas dentro do ambiente escolar.

Inicialmente, será feita uma apresentação do trabalho e delineada sua justificativa, de modo a destacar a importância da temática desenvolvida para o combate à homofobia nas escolas. Além disso, será realizado um levantamento teórico para subsidiar a proposta da oficina de cinema para o trabalho da temática: preconceito sexual na adolescência. Além disso, o aporte teórico apresenta uma análise acerca da construção social do preconceito homofóbico, compreendendo os contornos da sexualidade ao longo da história e suas perspectivas no Brasil.

Posteriormente, será feita uma reflexão sobre homofobia e suas consequências para os adolescentes. A partir disso, defende-se a necessidade de acabar com o preconceito homofóbico nas escolas, o que pode ser feito por meio do trabalho com filmes que abordam a homossexualidade de forma contextualizada e sem estereótipos.

Objetiva-se mostrar para os estudantes que não existe uma condição sexual padrão, bem como ratificar a relevância de políticas públicas eficazes para o enfrentamento da homofobia nas escolas. Isso pressupõe levar ao conhecimento da população, no caso os estudantes de ensino médio, a questão da sexualidade, de forma que eles compreendam que não existe um ideal, e que a heterossexualidade não se opõe, tampouco sobrepõe as demais formas. Esses estudantes devem entender que qualquer escolha individual deve ser respeitada, afinal, todos são iguais e devem ser tratados sem preconceito ou discriminação.

A ideia da oficina de cinema e escolha do filme a ser apresentado é justificada pelas várias possibilidades de trabalho, o que não se limita ao “passar”

o filme para os alunos, mas permite desenvolver a consciência da importância do combate ao preconceito.

Tenho formação em História e atuo como docente na rede pública estadual de Minas Gerais, além de técnico em assuntos educacionais em uma instituição federal, onde desempenho minhas atribuições no Núcleo de Apoio Pedagógico. Como expressão da heterogeneidade que marca a sociedade contemporânea, em ambos os cargos convivo diariamente com adolescentes e jovens de todas as classes, culturas e das mais diversas opções sexuais.

Nessa vivência diária, vejo muitos deles enfrentando os mesmos problemas com os quais me deparei durante toda minha vida, dentro e fora dos espaços escolares. O preconceito e a discriminação, fundamentados em uma condição sexual diversa, apregoados pela heteronormatividade estabelecida como padrão social, exclui todos que não se adequam a ela, mesmo essa condição sendo fruto do exercício da liberdade, e não ofendendo nenhum direito alheio.

Passei os onze anos da educação básica, oito do ensino fundamental e três do ensino médio sendo alvo de práticas homofóbicas na escola em que frequentei. Lembro-me, com riqueza de detalhes, de todas as afrontas e violências sofridas durante esse período que, por pouco, não me fizeram desistir de estudar. Na época, diante dos insultos e preconceitos suportados, não havia por parte das instituições escolares qualquer medida ou projeto que visasse o combate às práticas homofóbicas no ambiente escolar, assim como, salvo raras exceções, também não há ainda na segunda década do século XXI.

Como resultado desse período de formação, percorri anos de minha existência carregando um sentimento de culpa e vergonha por não me enquadrar no modelo heterossexual imposto a mim e a todas as pessoas que não vivem sua sexualidade nos moldes heteronormativos vigentes. Assim, embora na época desconhecesse a expressão, interiorizei minha homossexualidade. Isso, nos ensinamentos de Borrilo (2010), ocorre sempre que um homossexual reverte os sentimentos homofóbicos para si mesmo e, ao invés de buscar sua aceitação, passa a interiorizar a negação de sua condição, acreditando que ela é errada e que ele deveria estar adequado ao modelo imposto pela sociedade.

Esse sentimento de constrangimento fruto de uma educação conservadora e também produto de uma formação cristã, que considera a

homossexualidade e todos os desvios na prática heterossexual como pecado, apenas foi superado quando eu tinha 28 anos. Nesse momento, passei a ter consciência de que a minha forma de viver a sexualidade não era pior nem melhor que a do outro, mas apenas uma entre outras escolhas sexuais possíveis.

Toda essa bagagem pessoal acima relatada foi de salutar importância quando decidi ingressar no Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Goiás (UFG) - Regional Catalão, optando pela linha de pesquisa "História, Sociedade e Práticas Educativas". Na ocasião, percebi a oportunidade de elucidar a construção da homofobia em uma sociedade sexualmente hierarquizada, destacando os riscos do preconceito e da discriminação diante de um ordenamento jurídico que tem nos direitos fundamentais o seu principal alicerce. E entre esses direitos está o à liberdade, que subsidia a livre escolha da condição sexual e a impossibilidade de interferência do Estado e da sociedade nas decisões privadas.

Considerei o Mestrado Profissional um veículo ideal para cursar uma pós-graduação *stricto sensu*, que me oportunizaria não apenas uma capacitação teórica, mas, também, desenvolver ações concretas para o enfrentamento da homofobia no ambiente escolar. Então, lancei-me nessa experiência, que considero uma das mais especiais da minha vida.

Para mim, foram quase insuportáveis os insultos diários e as agressões que sofri, por parte dos alunos, nas escolas pelas quais passei, comportamentos quase nunca repreendidos por funcionários. Tudo isso marcou bastante minha vida, e acredito que marca a trajetória de quase todos os adolescentes gays em um país que, embora reconheça a liberdade sexual, não possui políticas públicas eficazes para a efetividade do direito à liberdade dos LGBTQ+, tampouco capazes de coibir as ações homofóbicas rotineiramente vivenciadas, como se vê nas notícias divulgadas pelas diversas mídias sociais.

Justamente diante dessa realidade está a necessidade de desenvolver ações voltadas ao combate às práticas homofóbicas no ambiente escolar, apresentando para os alunos a condição sexual como exercício do direito de liberdade, fruto da escolha de cada um e sobre a qual não cabe questionamentos ou discriminações. A intenção não é polemizar ainda mais a questão, mas estabelecer a igualdade entre todos, independente de sua condição sexual, e, assim, firmar o respeito recíproco entre pessoas hetero e homossexuais.

Considerando que a educação é instrumento para o crescimento do ser humano em todos os aspectos, qualquer possível motivação para que uma pessoa deixe de frequentar as escolas deve ser avaliada no sentido de impedir que isso ocorra. Se os homossexuais injustamente são alvos de discriminação e preconceito apenas pelo fato de assumirem uma condição sexual diferente do padrão heteronormativo, sem a devida instrução educacional das crianças e adolescentes que representam a futura geração de adultos fica ainda mais difícil terem chances de competir no mercado de trabalho e firmar sua autonomia em uma sociedade sexualmente hierarquizada.

Considerando tudo isso, bem como as peculiaridades do trabalho pedagógico com adolescentes, a proposta das oficinas de cinema vem ao encontro do trabalho lúdico de enfrentamento da homofobia. Ademais, acredita-se que a atividade proposta poderá fomentar discussões sobre a temática de forma natural, sem o peso do preconceito que geralmente cerca tudo que envolve o homossexualismo e o trabalho da sexualidade em ambiente escolar.

As pesquisas com a abordagem de filmes têm muito a dizer ao pesquisador. Esses produtos culturais, até quando relegados a segundo plano, podem, a partir de uma análise científica, “[...] falar ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram, levando-o a ver o ‘não visível atrás do visível’, a descobrir o latente por trás do aparente” (SELVA, 2012, p. 267).

Conforme Moreno (1995), as produções fílmicas são capazes de reforçar alguns preconceitos ou levar a sociedade a repensar as atitudes de ojeriza. Considerando o contexto sócio-histórico em que são produzidos os vídeos, eles podem ajudar “[...] na evolução de uma questão, ou simplesmente, mostrando-a como uma questão de comportamento desviante como o homossexualismo” (MORENO, 1995, p.4). Nesse sentido, o autor considera que filmes podem reforçar e duplicar preconceitos, como também ajudar a inibi-los.

Diante disso, a oficina “Cinema Contra a Homofobia”, com a proposta de refletir sobre a relação entre o cinema e a temática LGBTQ+, é importante dentro de um Programa de Mestrado Profissional em História por estar em consonância com as novas maneiras de entender a história, ou seja, a utilização de fontes diversas no ensino.

Guimarães (2012) comunga da ideia de que a utilização dos filmes para entender a sociedade é pertinente, pois,

[...] pode oferecer pistas, referências sobre o modo de viver, sobre os valores e os costumes de uma determinada época e lugar. É uma fonte que auxilia o desvendamento das realidades construídas, as mudanças menos perceptíveis, os detalhes sobre lugares e paisagens, os costumes, o cotidiano, as mudanças naturais e os modos de o homem relacionar-se com a natureza em diferentes épocas (GUIMARÃES, 2012, p. 267).

Logo, inserir a análise de filmes que tenham LGBTQ+ entre seus personagens é essencial para debater um ponto que inquieta Mascarello (2006), que é a relação entre arte e discriminação. Na concepção do autor, estudos desse tipo

[...] levam ao questionamento da cultura e da arte não como criadoras, mas como reafirmadoras ou críticas dos clichês das representações de gênero e de orientação sexual. Pelo seu impacto, o principal alvo passa a ser os filmes hollywoodianos e a televisão, em razão de seu papel hegemônico na indústria cultural cada vez mais transnacional (MASCARELLO, 2006, p.381)

Diante do exposto, o modelo da oficina é ideal para uma ampla abordagem do conteúdo, pois além da expressão da arte cinematográfica que prende a atenção dos alunos adolescentes, possibilita a continuidade do trabalho em momentos diversos, como concurso de redação, debates, resenha crítica dos filmes, e quaisquer outras atividades que envolvam a mobilização da comunidade escolar para o enfrentamento da homofobia.

Destaca-se que a ideia da oficina não é trabalhar a sexualidade em si, mas a igualdade e a liberdade da condição sexual como fatores que não podem ser objeto de discriminação e preconceito. O que se propõe é mostrar aos alunos as origens do preconceito ao apresentar dados que revelam o tamanho da problemática em torno da homofobia, a fim de despertar neles o sentimento de empatia e preocupação com o próximo, para que, além de não concordarem com as práticas homofóbicas, não pratiquem o preconceito de forma velada.

As diversas expressões de repúdio à violência e ao preconceito homofóbico somente podem produzir efeitos positivos em um cenário em que cada cidadão se aproprie de sua responsabilidade de preservar os aspectos

inerentes ao respeito mútuo e à ética nas relações interpessoais. As ocorrências de violência, sejam físicas ou psíquicas, sofridas ao longo da história pela população LGBTQ+, são uma afronta aos direitos fundamentais e à dignidade humana, previstos em diferentes diplomas legais brasileiros. Por isso, essas práticas devem ser extirpadas.

Logo, a justificativa primária para a abordagem da temática escolhida não poderia ser outra senão os alarmantes índices das práticas homofóbicas no cenário nacional. Mesmo considerando que os números muitas vezes não conseguem abranger a totalidade dos atos mais graves praticados com motivação homofóbica em razão da subnotificação, oriunda especialmente da falta de denúncias, os índices informados são assustadores e dignos de atenção. Por outro lado, não se pode esquecer a preocupação com a ocorrência da homofobia em ambiente escolar, considerando a peculiaridade das vítimas, menores de idade, seres vulneráveis e em processo de formação, cujo preconceito e discriminação podem abalar o desenvolvimento, levar à interiorização do sentimento homofóbico e causar danos irreversíveis à pessoa.

Como bem indica Torres (2010),

Devemos notar que o preconceito atinge toda a comunidade escolar – dos serviços ao/à diretor/a. Enquanto o preconceito não for reconhecido como um sistema que regula as relações educacionais de toda a comunidade escolar, ficaremos procurando homofobia nas pessoas (TORRES, 2010, p. 39).

Nesse sentido, Pinel (2004) destaca que os próprios educadores podem contribuir para as ações homofóbicas, dando continuidade à humilhação, se não atuarem como interventores no combate à mesma. Muitos por vezes, eles desenvolvem uma prática pedagógica em torno do padrão heterossexual, desconsiderando todas as demais formas, o que desencoraja os alunos LGBTQ+ a se assumirem, ou mesmo a buscarem seu reconhecimento enquanto seres a se assumirem, ou mesmo a buscarem seu reconhecimento enquanto seres humanos, tão dignos quanto quaisquer outros. Isso tem mudado, mas infelizmente ainda é uma realidade em muitas escolas.

Isso ocorre especialmente quando o professor ignora as atitudes homofóbicas que presencia, deixando de trabalhar aspectos importantes para o combate ao preconceito. O professor é o mediador do conhecimento, de modo

que suas aulas devem desenvolver a criticidade do aluno e também torná-lo um cidadão habilitado para o convívio social, o que começa pela aceitação da diversidade.

Entretanto, conforme Rondini, Teixeira Filho e Toledo (2017, p. 69), escola é um “[...] *locus* privilegiado de aprendizado dos modelos de gênero e da higiene do sexo e, portanto, de imposição de cultura heteronormativa”. Justamente por isso, resultados de pesquisas apontam o ambiente escolar como um dos espaços institucionais mais atingidos pelas práticas homofóbicas. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) confirmam essa informação ao dizer que as escolas são locais de muitas práticas homofóbicas (UNESCO, 2013).

Como ensina Louro (2010a), talvez seja impossível atribuir à escola a função de explicar as identidades sociais, mas não se pode negar o papel que imposições e proibições aprendidas por ela têm de se tornarem “verdades”. É a partir disso que a autora constata a problemática em torno da escolarização do corpo, que treina para o silêncio e adentra para uma forma padrão, autodisciplinando os educandos sem respeitar as singularidades de cada um, e, ainda, promove a segregação daqueles que são diferentes do padrão culturalmente concebido.

Tendo isso em vista, esta pesquisa foi organizada em três partes. No primeiro capítulo, por meio de uma contextualização histórica, apresenta-se como se deu a construção do preconceito homofóbico em uma sociedade que se valia de maneiras legais, como a Medicina, por exemplo, para apresentar como patologia a homossexualidade e como algo sadio a heterossexualidade.

No segundo capítulo, mostram-se as principais definições de homofobia e como os autores percebem essa questão. Procura-se também demonstrar, através de dados estatísticos, as várias faces da violência contra os indivíduos LGBTQ+, alicerçadas em uma sociedade marcada pelo binarismo heterossexual x homossexual, bem como o surgimento e fortalecimento dos grupos LGBTQ+.

O terceiro, e último capítulo, é dividido em quatro tópicos. No primeiro, trabalha-se um breve resgate histórico do cinema brasileiro desde os primórdios da sétima arte no país até o período da retomada. No segundo, explana-se acerca da inserção e abordagem da temática LGBTQ+ no cinema nacional. No terceiro, é feita uma reflexão sobre o cinema como recurso didático

especialmente voltado para o enfrentamento da homofobia. A escolha do filme para se trabalhar na oficina com os alunos é justificada na quarta parte do capítulo. Por fim, apresenta-se o relato da oficina feita com os alunos utilizando o filme.

Como já citado, a obra cinematográfica escolhida para ser apresentada na Oficina é “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” filme do ano de 2014<sup>1</sup> do diretor Daniel Ribeiro.

Hoje Eu Quero Voltar Sozinho<sup>2</sup> tem no elenco principal Guilherme Lobo e Fábio Audi vivendo os personagens Leonardo e Gabriel. A história se passa em grande parte na escola onde os personagens estudam e na casa de Leo, onde os dois colegas costumam fazer as atividades escolares. O enredo do filme trata da descoberta do amor homossexual entre dois adolescentes e os desafios advindos dessa experiência<sup>3</sup>. Conforme Arthuso (2016), esse filme se apropria de estratégias de melodrama para discutir a inclusão das minorias no ambiente escolar.

A obra ganhou vários prêmios como por exemplo o do Festival internacional de Cinema de Berlim: FIPRESCI Prize de Melhor Filme da mostra Panorama e o Teddy Award de Melhor Filme com temática LGBTQ+. Apesar de ter sofrido certa resistência nas primeiras semanas de exibição, o filme pode ser considerado um sucesso<sup>4</sup>. Apesar da resistência das salas de cinema em exibir o filme em alguns lugares ocorreram manifestações do público a favor da exibição. Em alguns jornais eletrônicos da época podemos ver presente esse anseio do público<sup>5</sup>.

Na reportagem do jornal eletrônico D24AM vemos a seguinte manchete

---

<sup>1</sup> Hoje Eu Quero Voltar Sozinho' faz retrato sensível da homossexualidade na adolescência. Disponível em < <https://www.socialbauru.com.br/2014/04/25/hoje-eu-quero-voltar-sozinho-faz-retrato-sensivel-da-homossexualidade-na-adolescencia/>>.

<sup>2</sup> O filme surgiu a partir do curta hoje eu não quero voltar sozinho. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=KOo\\_y9YkRcc](https://www.youtube.com/watch?v=KOo_y9YkRcc)>. Acesso em 20/10/2018.

<sup>3</sup> Para ter acesso ao trailer do filme acesse <https://www.youtube.com/watch?v=lpHKXyko358&t=7s>

<sup>4</sup> Em sua primeira semana o filme foi exibido somente 34 salas em todo o país, ficando em quinto lugar no ranking de bilheterias.

<sup>5</sup> Fã clube pede exibição do filme “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” em Manaus.

O fã clube do filme “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” irá se reunir no próximo sábado (19), na praça de alimentação do Shopping Manauara, às 15h, para que seja feito um abaixo assinado para reivindicar a exibição do longa em Manaus. “O filme já chegou em Belém, que é o único Estado mais próximo. Vamos continuar insistindo, inclusive da própria produtora. É um filme que não tem críticas ruins. Seria um presente”, afirmou Saymon Vieira, organizador do encontro. “O diretor e os atores do filme já estão sabendo das nossas mobilizações. Todos somos apaixonados pela história desde o curta”. O longa não é o único de grande repercussão na mídia que não teve estreia em Manaus. “Muitos filmes, principalmente os alternativos, não tem estreia aqui. **Mas esse, especialmente, traz um lado diferente e importante que precisa ser mostrado, como a homo afetividade, a questão da personagem que é cego. Algumas coisas que ainda são tabus, de alguma maneira, na sociedade**”<sup>6</sup>, afirmaram Saymon<sup>7</sup>.

A fala presente no jornal D24AM, e a vontade do público em ter acesso a essa produção, pode ser explicada também com uma reportagem feita pela Revista Veja que mostra a maneira delicada como a homossexualidade é tratada na película.<sup>8</sup> Essa reportagem mostra também como foi a recepção do filme no Festival de Berlim.

Guilherme Lobo, ator do filme, concorda com essa boa receptividade da obra e a vontade do público em assistir. Para ele, em entrevista ao jornal Folha Vitória, a importância do filme para a sociedade adolescente, em especial para aqueles que estão no ambiente escolar se dá,

Por se tratar de descoberta da sexualidade, um tema pouco abordado no ensino de base, Guilherme disse à reportagem do Folha Vitória que a importância disso parte da ideia de que o homossexual, não se sintam “um ser a parte” da sociedade. A escola, sendo um centro de formação não apenas acadêmico, tem por dever tratar tais temas com sobriedade e imparcialidade, ou seja, levando a sério, trabalhando na parte de esclarecimento, sem defender, atacar ou incentivar a homossexualidade. Tratar com seriedade e normalidade, algo sério e normal”, afirma<sup>9</sup>.

<sup>6</sup> O negrito foi posto por mim no intuito de enfatizar o quanto o público almeja produções que mostram os LGBTQ+ como pessoas comuns e não como caricaturas.

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://d24am.com/plus/fa-clube-pede-exibicao-do-filme-hoje-eu-quero-voltar-sozinho-em-manauara/>>. Acesso em 12/10/2018.

<sup>8</sup> Hoje Eu Quero Voltar Sozinho’ mostra com delicadeza o despertar da sexualidade. Disponível em < <https://veja.abril.com.br/entretenimento/hoje-eu-quero-voltar-sozinho-mostra-com-delicadeza-o-despertar-da-sexualidade/>>. Acesso em 16/10/2018.

<sup>9</sup> Disponível em <<https://preview.folhavoria.com.br/entretenimento/noticia/2014/04/apos-mobilizacao-de-capixabas-filme-hoje-eu-quero-voltar-sozinho-chega-ao-estado.html>>. Acesso em 16/10/2018.

Com o filme podemos trabalhar em várias frentes, à saber:

- Autonomia: necessidade crescente de Léo ser independente, por ser cego, de seus pais.
- Preconceito: preconceito dos colegas em relação a cegueira de Leo e o seu aproximar de Gabriel.
- Homofobia: piadinhas homofóbicas dos colegas quando Léo e Gabriel começam a descobrir o amor.
- Exclusão e Bullying.

Apesar dessa gama de possibilidades, vamos aqui nos concentrar no uso do filme como suporte para se discutir a homofobia no ambiente escolar.

Para o site Social Barú:

É provável que “Hoje Eu Quero Voltar Sozinho” fique marcado como a produção que falou sobre homossexualidade na adolescência para toda uma geração, que ajudou muitos meninos a entender o que sentiam. Ao tratar o assunto com sensibilidade e naturalidade, o filme cria um modelo saudável para tantos jovens perdidos em relação à orientação sexual. Um novo parâmetro em que o amor surge como algo natural, sensível e cativante. E que independe do gênero das pessoas envolvidas<sup>10</sup>.

É nesse sentido que a proposta aqui ora apresentada busca trazer um filme que trata com naturalidade a descoberta do amor e das relações homoafetivas de maneira sensível e honesta. A realização de nossa oficina de intervenção tem como objetivo central buscar a reflexão dos estudantes de ensino médio para a necessidade de se discutir as práticas homofóbicas na escola. Nomeamos a oficina de “Cinema contra a homofobia” e o trabalho foi dividido em três momentos.

O primeiro momento da oficina tem como objetivo contextualizar a nossa atividade através de uma roda de conversa. Esta roda de conversa será feita com base no texto “*Alvos de discriminação e exclusão, alunos LGBTs contam o que esperam da escola*”<sup>11</sup>. Esta roda de conversa tem como objetivo situar os

<sup>10</sup> Disponível em < <https://www.socialbauru.com.br/2014/04/25/hoje-eu-quer-voltar-sozinho-faz-retrato-sensivel-da-homossexualidade-na-adolescencia/>>. Acesso em 22/10/2018.

<sup>11</sup> Texto disponível no site < <https://educacaointegral.org.br/reportagens/o-que-alunos-lgbts-querem-da-escola/>>. Acesso em 27/10/2018.

participantes sobre o porquê de nossa pesquisa, de onde partimos e onde pretendemos chegar.

O segundo tempo da oficina terá como foco a exibição do filme. Nesta altura do trabalho os alunos já terão tido contato com a sinopse do longa<sup>12</sup>. E no terceiro momento vamos propor para os alunos 2 atividades: a escrita de textos sobre o que acharam da inserção da temática LGBTQ+ na escola e elaboração de um roteiro de programa de rádio. A ideia é que os alunos possam construir a partir das suas reflexões, novas formas de intervenção.

Como anexo desta pesquisa apresento as produções textuais dos estudantes participantes da oficina, bem como o roteiro do programa de rádio escrito pelos alunos com a minha colaboração. Incluo também no anexo o texto usado na primeira fase da oficina.

Ademais, acreditamos que a luta histórica dos LGBTQ+ para conscientizar a sociedade dos seus direitos, entre os quais o respeito a pessoa humana que é, perpassa os espaços escolares. Esta pesquisa e por consequência seu produto final pretendem auxiliar na compreensão de que a escola não pode esquecer de discutir, através de formas lúdicas, em seus espaços, temas como o preconceito contra os LGBTQ+ utilizando os mais diversos recursos e linguagens, aqui neste caso, o cinema como recurso pedagógico.

Pretendemos que nossa dissertação proponha uma reflexão e transformação, por parte dos educadores e dos discentes, pois entendemos a importância de se construir uma sociedade mais justa e respeitosa, com igualdade e livre.

---

<sup>12</sup>No final do 1º encontro passamos para os alunos a sinopse da obra.

*“Aí Leonardo... namorado novo? Ó tá te  
fazendo bem o rapaz. Tá ficando macho”*

(Aluno loiro- Hoje eu quero voltarsozinho)

## 1- A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO PRECONCEITO HOMOFÓBICO

A compreensão da construção histórica do preconceito é muito importante no debate sobre a homofobia, pois as práticas vigentes ainda no século XXI se relacionam ao que foi repassado pelas gerações ao longo da história da humanidade. Butler (2003) acredita que o ser humano é influenciado pelas orientações e informações que recebe das gerações anteriores, que se reproduzem de forma articulada para o estabelecimento dos padrões sociais. Sendo assim, a sexualidade é correlacionada aos discursos presentes na sociedade que, em dado contexto sócio-histórico, compreendem que a questão biológica natural também reflete na orientação sexual (BUTLER, 2003).

Na obra *Inventando o Sexo*, Thomas Laqueur (2001) traz a ideia de que o sexo é uma invenção cultural. O autor analisa diversas teorias médicas e filosóficas para concluir que “[...] qualquer forma de sexo que seja compreendido já contém em si uma reivindicação sobre gênero [...] o sexo é situacional, é explicável apenas dentro do contexto da luta sobre gênero e poder” (LAQUEUR, 2001, p.23).

Nas suas “Orientações sobre identidade de gênero”, assunto também abrangido pela sexualidade humana, Jaqueline Jesus (2012) lembra que, desde que nasce o ser humano é ensinado a diferenciar homens e mulheres, o que não é somente uma implicação de fatores biológicos, mas também da sociedade e seus costumes. Isso certamente estabelece a ligação entre os órgãos genitais e o sexo, bem como a atração ao sexo oposto, o que nem sempre acontece dessa forma<sup>13</sup>. Para Borrillo (2010), são esses pensamentos que dão à homossexualidade o sentido negativo que coaduna com as hostilidades cometidas contra os homossexuais.

<sup>13</sup> Neste sentido podemos mencionar a fala da Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos Damares Alves: “Menino veste azul e menina veste rosa”. Com essa fala a ministra quis demonstrar que o país entraria em um momento de normalidade no qual seria respeitado as características normais de cada sexo. Na internet encontram-se facilmente tanto pessoas que apoiaram a fala da ministra com aqueles que discordaram. Entre os vários apoiadores destaco um que diz: “Menina veste rosa sim e menino veste azul sim.... Voltamos ao normal da vida... Onde se diz o sexo do bebê... E monta-se o enxoval da cor do sexo... Menina é princesa e menino é herói ... Voltamos à normalidade, graças a Deus. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>>. Acesso em 06 de Novembro de 2019.

O fato de estabelecer a relação homem/mulher como natural e negar tudo o que vai contra esse padrão é reflexo da concepção biológica natural do ser humano com uma dualidade de sexos, o que também reflete na consideração de serem naturais somente as relações entre sexos opostos (LAQUEUR, 2001). Essa forma de pensamento influencia a construção social e histórica da sexualidade, que ignora a expansão da expressão da sexualidade e as múltiplas práticas sexuais (TORRES, 2010).

Como ensina Foucault (1984), a sexualidade sempre se manifesta por meio dos padrões culturais historicamente construídos e determinados, os quais condicionam os indivíduos à padronização. Dessa forma, “[...] essas proposições permitem pensar a sexualidade como construções sociais e históricas que sempre implicam certo tipo de conexão com as relações de poder” (TONELLI, 2001, p. 151).

Não há uma representação correta da mulher em relação ao homem, e todas as diferenças entre eles são mal interpretadas. Mencionando Freud, Laqueur (2001) explica que:

[...] as partes do corpo evoluem e passam a representar as mais óbvias diferenças. A civilização, como um povo conquistador, sujeita os outros à sua exploração [...] torna o ‘amor genital heterossexual’ a única forma permitida, e ao fazer isso pega a criança, ‘um organismo animal (como outros) com uma inconfundível tendência bissexual’ e molda-a para ser ou um homem ou uma mulher. O poder da cultura é portanto representado nos corpos, forja-os como em uma bigorna, o formato necessário (LAQUEUR, 2001, p. 216).

Em um dilatado recorte temporal do trabalho, “dos gregos à Freud”, a análise da obra de Laqueur (2001) permite compreender os motivos que levam ao preconceito presente na sociedade. O autor parte da ideia da dualidade de sexos biológicos, homem e mulher, como construção da natureza que permite a existência da sociedade e reflete na construção social dos sexos. Por essa perspectiva, a existência de apenas dois sexos biológicos é entendida como divisão natural, a qual a sociedade deve respeitar amplamente, mantendo um comportamento adequado à diferenciação, o que reafirma a cultura hetero.

Em semelhante sentido, Welzer-Lang (2001) defende que as relações sociais de sexo, da qual a homofobia é fruto, derivam do paradigma naturalista que, além de colocar os homens em posição hierárquica superior às mulheres,

apregoa a heterossexualidade como a única natural. No mais, limita-se o normal apenas às relações entre homens e mulheres, marginalizando qualquer outra forma que possa existir, entre as quais estão as relações homo e bissexuais, bem como a transexualidade.

Conforme Guimarães (2009), a tentativa da padronização do socialmente correto, no tocante à sexualidade, implica na dificuldade de o sujeito homossexual garantir seu *status* de homem ou mulher, uma vez que não se encaixa nos padrões previamente concebidos para uma das duas formas. Logo, o preço de assumir quem realmente são geralmente é bem elevado por envolver diversos níveis sociais como família, trabalho, amigos e prestígio social, o que coloca o homossexual em um verdadeiro conflito na decisão de “ser ou não ser”.

A sociedade sempre foi patriarcal, sendo a figura masculina delineada como a mais forte, a que se forma a partir dos ensinamentos de sua superioridade, concomitantemente com a negação do feminino e do homossexualismo (BORRILO, 2010). Nesse contexto, a experiência homossexual ao longo da história é bastante dificultada, mesmo se fazendo presente desde 4.500 a.C. em todos os contextos e classes sociais (MOTT, 1994).

No Brasil, por muito tempo o termo gay<sup>14</sup> foi direcionado apenas aos homossexuais masculinos, ao passo que as mulheres homossexuais tinham duas definições: a de sapatão, para aquelas que apresentassem comportamento característico masculino; e lésbica, para aquelas que, embora se atraíssem pelo mesmo sexo, tivessem um padrão tipicamente feminino (GUIMARÃES, 2009).

Mott (2001) explica que, ao longo dos anos, os homossexuais foram taxados de diferentes formas e por diferentes nomes, como doentes, criminosos, pecadores, viados, entre outros, na tentativa de reprimi-los e igualmente de manifestar publicamente a reprovação da condição sexual por eles escolhida. E não há como verificar o histórico do homossexualismo sem passar pelos discursos religiosos e médicos-psicológicos, que alicerçaram a construção do

<sup>14</sup> Até 2008 a nomenclatura adotada era GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Nesse ano, em uma Conferência realizada no Brasil, que teve como premissa discutir as políticas públicas e os direitos humanos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais foi aprovado o termo gay em substituição a sigla GLS.

conceito da homossexualidade e contribuem para a visão preconceituosa que permanece até hoje.

Conforme Trevisam (2004), o discurso religioso estabelece a prática homossexual como um dos piores pecados que, desde a chegada dos portugueses em terras brasileiras, enraizou-se no país. A partir da colonização, os cristãos, que temiam pela não continuidade da espécie humana, colocaram a prática homossexual no rol dos piores pecados, imprescritível e merecedora de severas punições.

A intolerância de gênero pode ser observada como um fenômeno de raízes pretéritas, com fundamentos religiosos e até mesmo políticos. Desde a colonização, tem sido documentada a presença de homossexuais no território brasileiro. A historiografia indica que, quando os colonizadores portugueses chegaram ao Brasil, um dos aspectos da cultura indígena local que mais os assustou foi a prática generalizada da homossexualidade, sendo que os índios gays eram chamados de tibirá e as lésbicas çacoaimbeguirá. Simultaneamente, em Portugal, a sodomia era considerada o mais torpe, sujo e desonesto pecado, castigado pela Igreja e pelas justiças do rei, crime equiparado à traição nacional e ao assassinato de rei ou rainha (IGLHRC, 2010).

Os portugueses trouxeram consigo o preconceito contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, e ficaram espantados quando descobriram que na colônia já se praticava a sodomia, tida por eles como pecado. Na época, acreditavam que a mesma era um vício italiano, já que nesse país eram conhecidas as relações homossexuais (PRETES; VIANNA, 2008).

Destaca-se que o desenvolvimento do Cristianismo implicou em uma discriminação ainda mais aterrorizante. Homossexuais se tornaram alvo de caçadas, e, além da própria condenação social, ainda tinham que lidar com a condenação pela Igreja e as duras penalidades impostas pelo clero, aqui incluída a morte na fogueira sob a justificativa de haver provocado a ira de Deus (GUIMARÃES, 2009).

O preconceito de cunho religioso se atrela à questão da continuidade da espécie, em defesa da necessidade da heterossexualidade para garantir a continuidade do ser humano. Por outro lado, não deixa de ser conexa às relações de poder, já que esse critério demográfico da sexualidade, que engloba a reprodução e continuidade da espécie, socializa a conduta da procriação, ligada

a fatores poder e controle (FOUCAULT, 1984). Nessa compreensão, “[...] as práticas sexuais foram naturalizadas e utilizadas para controlar o corpo dos sujeitos, restringindo suas possibilidades de expressão da diversidade sexual” (TORRES, 2010, p.13).

As primeiras leis aplicadas na Colônia se baseavam nas ordenações Filipinas, que também eram as leis vigentes em Portugal. Nelas, a pederastia era não apenas tipificada como crime comum, mas também no Direito Canônico. Relatos afirmam que Francisco Congo, por volta de 1681, já se portava como travesti e havia sido enquadrado no Direito Canônico, que determinava ser crime o fato de “fingir ser de diferente estado e condição”. A pena previa a multa de 100 cruzados e a degradação para fora do arcebispado da Bahia, conforme o nível do escândalo proporcionado. Um ponto que fazia com que o tema sequer fosse discutido derivava da concepção pecaminosa e criminosa da homossexualidade (PRETES; VIANNA, 2008).

A herança patriarcal da sociedade brasileira dos séculos XIX e XX promoveu, a partir da junção entre Medicina e Direito, uma normalização das condutas sexuais. Substituiu-se, então, a sodomia pela tipificação religiosa, segundo a qual a relação homossexual perturbava a moral e os bons costumes, o que acentuou a preocupação com a incidência e prevalência do homossexualismo no Brasil.

Todo esse cenário levou ao aprofundamento das discussões sobre sexo. Se, por um lado, Igreja e sociedade tentavam regular essa prática com base no padrão heteronormativo, por outro surgiam os mais diversos discursos relacionados à regulação sexual, subsidiados na repressão das manifestações sexuais, de modo geral. As discussões são vistas como necessárias para a efetiva regulação, de modo que, ao invés de simplesmente proibir, vinculam a sexualidade a aspectos morais e da própria natureza humana, na tentativa de compelir a todos o padrão hetero reafirmado pela sociedade capitalista (FOUCAULT, 1984).

Corroborando com esse pensamento, Rondini, Teixeira Filho e Toledo (2017) estabelecem que,

[...] a partir do século XIX vivemos sob a égide do controle da “ditadura heteronormativa”, expressa pelo dispositivo da sexualidade que traz consigo a4E34

homofobia como forma de manutenção desse controle. A ideia

de ditadura heteronormativa aqui empregada tem o intuito de explicitar a hipótese de que a homofobia é efeito de uma mesma e única verdade sobre a sexualidade – uma verdade nascida há séculos e que tem como base de sustentação o machismo (superioridade do macho sobre a fêmea) e o heterocentrismo, dois princípios naturalistas que se encerram em um único paradigma: a dominação masculina (RONDINI; TEIXEIRA FILHO; TOLEDO, 2017, p. 57).

Foucault (1894) sustenta que na sociedade capitalista o sexo tem uma função além da reprodução que precisa ser exercida, como as questões relacionadas ao trabalho e as diferentes funções assumidas por homem e mulher. Daí surge uma modernização da repressão relacionada ao nascimento do Capitalismo e, como forma de ajustar o sexo às necessidades dessa política, os discursos são reformulados para que as pessoas vejam a heterossexualidade como um bem geral, e não somente como ordem contrária ao homossexualismo. Borrilo (2010) destaca que a doutrina religiosa renovou seu discurso, porém, permaneceu fiel ao tradicionalismo que coloca a ordem hetero em destaque.

Assim, a Igreja continua entendendo o homossexualismo como oposto à ordem natural dos sexos e das sexualidades, o que se contrapõe à vontade divina que criou homens e mulheres em uma posição heterossexual, e não pode ser alterado pelas vontades individuais.

Nesse sentido, “[...] os atos homossexuais consentidos não prejudicam a pessoa, comete-se um profundo equívoco, porque eles são contrários a algo muito mais preciso que a liberdade de outrem [...] à vontade divina” (BORRILLO, 2010, p. 61).

A Medicina também teve papel preponderante na acentuação do preconceito que permanece até hoje, posto que a formação do conceito de homossexualidade tem origem na visão médica. A definição psiquiátrica de desvio sexual denegou o homossexualismo, colocando-o fora dos padrões da normalidade, o que retirou sua condição de pecado, transformando-a em doença. Assim, ao invés da punição, recomendava-se tratamento para cura e correção da inversão (GUIMARÃES, 2009).

Na história da sexualidade, Foucault (1984, p.43) aponta que as preleções médicas difundidas a partir do século XVIII “[...] construíram um novo discurso sobre o sexo e também sobre os indivíduos, dissecando e especificando práticas, desvios, doenças e seus sujeitos”. Isso transformou a homossexualidade em patologia e trouxe uma nova forma para segregação

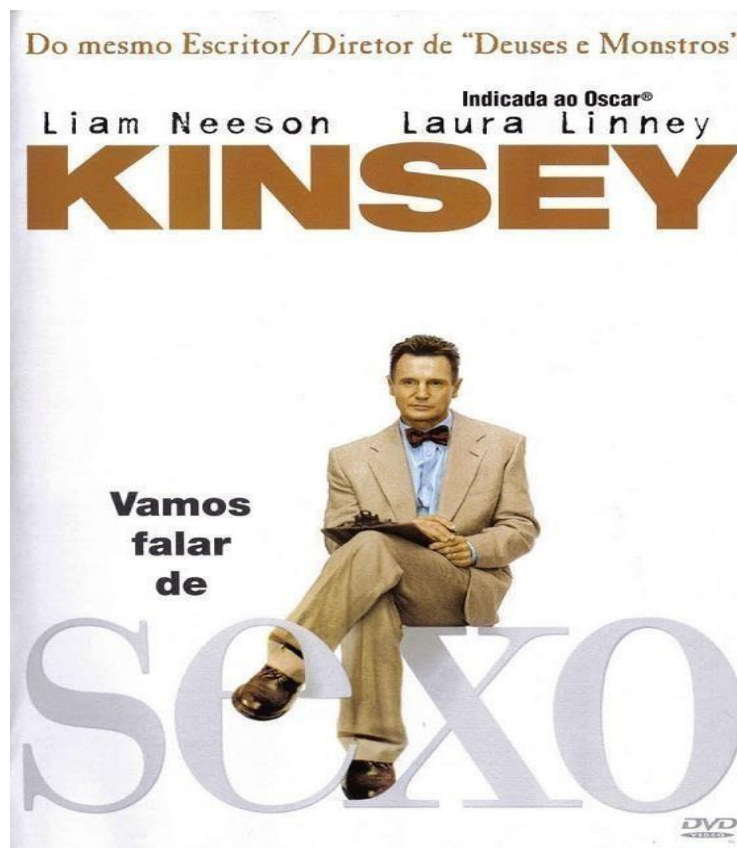
daqueles que não se enquadravam na hegemonia hetero. Na ocasião, a internação em sanatórios e entidades psiquiátricas variadas buscava a cura para o desvio sexual e quaisquer formas de prazer que divergissem da moral naturalmente aceita.

Até 1980, o homossexualismo permaneceu vinculado à patologia, mesmo já perdendo esse viés por orientação da Associação Americana de Psiquiatria, quando em 1973 foi excluída do Código Internacional das Doenças (CID). A perda efetiva dessa característica patológica da orientação sexual distinta da hegemonia padrão ocorreu somente em 1985, quando pressões de movimentos internacionais defensores dos direitos dos homossexuais implicaram na retirada do homossexualismo do rol das doenças pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (GUIMARÃES, 2009).

Koehler (2013) destaca a tamanha demora em retirar a homossexualidade da lista das desordens mentais, mesmo que vinte anos antes o famoso *Relatório Kinsey*, marco científico para compreensão da sexualidade, publicado pelo biólogo norte-americano Alfred Kinsey entre 1948 e 1953, tenha feito alusão a outras compreensões da sexualidade, que não deixavam espaço para a visão patológica da diversidade sexual.

O conteúdo do *Relatório Kinsey*<sup>15</sup> deu origem inclusive a um filme de mesmo nome estreado em 2004. Comparado a uma bomba atômica pela imprensa americana, o citado relatório revelou aspectos da sexualidade e da intimidade humana de forma inovadora, buscando estender a normalidade às demais formas da sexualidade, que não seguem o padrão heteronormativo.

<sup>15</sup> Para saber mais detalhadamente acerca do relatório consulte o artigo de Tito Sena. Os relatórios Kinsey: Práticas Sexuais, Estatísticas e Processos de Normali(ti)zação. O artigo pode ser acessado pelo link: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278011145\\_ARQUIVO\\_ArtigoTitoSenaFG9.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278011145_ARQUIVO_ArtigoTitoSenaFG9.pdf)>. Acesso em 16/12/2018.



**Figura 1-** Cartaz do filme Kinsey: Vamos falar de sexo.

O preconceito em relação aos homossexuais ao longo da história é marcado por diferentes episódios, a ponto de serem condenados à morte por apedrejamento, força, decapitação, fogueira, tortura e morte nos campos de concentração nazista, entre outras formas (MOTT, 1994). No século XXI, essas manifestações cederam espaço para outras formas de violência, já que a comunidade homossexual continua sendo reprimida e vítima de ações de intolerância, como mostram dados alarmantes relacionados à morte de homossexuais no Brasil (MOTT, 2001a).

No contexto brasileiro, a desclassificação definitiva da homossexualidade também ocorreu em 1985, quando o Conselho Federal de Medicina (CFM) deixou de considerá-la como doença mental, por pressão de movimentos nacionais que integram a luta pelos direitos humanos e civis dos indivíduos discriminados em decorrência de sua condição sexual (KOEHLER, 2013).

Outro grande avanço na coibição da patologização da homossexualidade foi a Resolução 001/1999 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) brasileiro, que impediu qualquer atuação de psicólogos que favorecesse a discriminação,

tampouco considerasse a homossexualidade como doença e compelisse o indivíduo a tratamentos não solicitados. Ficou estabelecido que esses profissionais “[...] não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades” (CFP, 1999, art. 1º, parágrafo único), ficando a desobediência sujeita a sanções que incluem a perda do registro profissional (CFP, 1999).

A alteração da visão patológica da homossexualidade não impede a perpetuação da ideia da cura homossexual por alguns profissionais da saúde, que, mesmo diante de vários indícios contrários, tentam convencer a população e a sociedade em geral de que a homossexualidade é um desvio que precisa de tratamento e reabilitação, com vistas a promover sua cura e conversão para a heterossexualidade (GUIMARÃES, 2009).

Essa visão remete um pouco ao período da ditadura militar onde muitos profissionais do meio artístico que trabalham na televisão e possuíam trejeitos homossexuais eram abertamente perseguidos. Três em especial merecem destaque pois eram presenças constantes na TV: Clodovil Hernandez<sup>16</sup>, Denner Pamplona<sup>17</sup> de Abreu e Clovis Bornay<sup>18</sup>



**Figura 2-** Clodovil Hernandez.

<sup>16</sup> Nas eleições de 2006 ele se tornou o terceiro deputado federal mais votado do país com 493.951 votos.

<sup>17</sup> Foi um estilista brasileiro, um dos pioneiros da moda no Brasil.

<sup>18</sup> Carnavalesco e museólogo brasileiro, idealizador do Baile de Gala do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1937.



**Figura 3-** Dener Pamplona



**Figura 4-** Clovis Bornay

Os profissionais acima mencionados ficaram conhecidos como bem explica Renan Quinalha (2017) em sua tese de doutorado como os militantes dos trejeitos. Para a censura a presença destes personagens espalhafatosos na televisão era uma ameaça para as famílias brasileiras tendo em vista que poderiam influenciar as crianças de que a homossexualidade e a lesbianidade eram algo comum, natural.

Renan Quinalha (2017) nos informa que as perseguições a esses profissionais acabaram por causar as suas demissões. Denner Pamplona<sup>19</sup> que tinha uma atração na TV Itacolomy perdeu o seu programa. Mas antes foi dado a ele a opção de diminuir os seus trejeitos e garantir o seu emprego, opção essa

<sup>19</sup> Denner tinha contra si a Liga das Senhoras Católicas.

que ele não aceitou. Clovis Bornay foi a vítima de número um quando teve sua figura retirada do programa Silvio Santos. A censura deu orientações para amansar os seus trejeitos, mas não tinha razão de ser de mantê-lo no júri sem a presença destes trejeitos pois eram eles que faziam a diferença na composição da bancada. Nestes dois exemplos percebemos que o que incomodava, de fato, a censura era o homossexual espalhafatoso.

Como bem destaca Quinalha (2017), não apenas os personagens homossexuais eram alvo da censura. Isso ocorria também com os apresentadores. O famoso Chacrinha teve seu contrato interrompido com a Rede Globo por supostamente ter dado espaço em seu palco a apresentação de um efeminado (QUINALHA, 2017).

O objetivo da censura era claro em erradicar a presença do homossexual espalhafatoso dos programas de auditório seja ele esse homossexual famoso ou não. Podemos embasar essa nossa afirmação no exemplo do fim do contrato do Chacrinha com a Rede Globo.

Mas não foram apenas os programas de auditório que tiveram a perseguição aos homossexuais. Quinalha (2017) aponta o caso do ator Ney Latorraca que teve seu personagem na novela Um Sonho a Mais (Globo/1985) como alvo da patrulha anti-homossexuais. O que incomodava era o fato do personagem se vestir de mulher, beijar e casar com outro homem.



**Figura 5:** Ney Latorraca como Anabela em 'Um sonho a mais'

Andando um pouco na linha do tempo podemos ver o repúdio com os LGBTQs+ na novela Torre de Babel (Globo/1998) quando as personagens Rafaela (Christiane Torloni) e Leda Sampaio (Silvia Pfeifer) tiveram que sair da trama porque o público não aceitava a relação homossexual de ambas.



**Figura 6-** Christiane Torloni e Silvia Pfeifer em Torre de Babel Situação

similar aconteceu na novela Babilônia (Globo/2015) quando as personagens de Natalia Thimberg e Fernanda Montenegro<sup>20</sup> não tiveram a aprovação da relação homoafetiva por parte do público e por causa disso tiveram sua participação na trama reduzida.



**Figura 7-** Natalia Thimberg e Fernanda Montenegro como um casal  
lesbico em Babilônia de Gilberto Braga

<sup>20</sup>Verificar: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/fernanda-montenegro-o-publico-aceita-jovem-gay-mas-senhoras-lesbicas-nao-17538>. Acesso em 17/11/2019.

Esse pensamento, que vê o homossexual como uma aberração, ainda é tão presente na sociedade que, mesmo diante da proibição há quase duas décadas das terapias para reversão da sexualidade, em 2018 a temática da “cura gay” foi alvo de várias polêmicas, incitadas por uma autorização pela justiça do Distrito Federal, que permitiu a utilização de terapias de reversão sexual por psicólogos. O CFP, por sua vez, solicitou ao Supremo Tribunal Federal (STF) a suspensão liminar dos efeitos da decisão, com base na regulamentada proibição desses tratamentos.

A temática envolvendo aspectos da chamada “cura gay” é bastante polêmica e merecedora de maior aprofundamento, o que não é objeto do presente trabalho. A menção acima é importante para enfatizar que, mesmo diante de toda a evolução vivenciada pela sociedade em vários aspectos, a temática da homossexualidade ainda é repleta de preconceitos, o que torna a homofobia um problema passado, presente e provavelmente futuro, caso não haja políticas públicas efetivas voltadas para seu enfrentamento. E à História cabe a luta para transformação social e rompimento com valores e conceitos ultrapassados e discriminatórios. Por isso, consideramos aqui que a elaboração e aplicação dessa oficina, bem como muitas outras atividades somadas, podem mudar o cenário educacional.

## **1.2 Bullying Homofóbico**

O bullying, que destaca o tipo de violência especificamente cometido nas escolas, muitas vezes é cometido por razões de cunho homofóbico. Essa motivação é cada vez mais presente no ambiente escolar através das mais diversas condutas discriminatórias, o que causa às vítimas infelicidade, baixa autoestima e queda do desempenho escolar, além de isolamento, abandono da escola e, em casos mais extremos de interiorização da homofobia, pode levar ao suicídio (ANTÓNIO et al., 2012).

O bullying homofóbico, “[...] tipo de bullying motivado pela orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida da vítima” (UNESCO, 2013, p.11), é um problema global que viola direitos de alunos e professores, além de impedir a capacidade coletiva de alcançar uma educação para todos de boa qualidade (UNESCO, 2013). Um grande problema desse tipo de violência, de

acordo com Ferrari (2011), é o silenciamento das vítimas, que são censuradas em um processo de dominação que coloca o homossexual como um ser inferior, sem direito de reconhecimento. Outra consequência, mencionada no relatório da UNESCO (2013), é a violação a direitos humanos e ao direito à educação.

Nesse cenário, a homofobia nas escolas é um limitador da expressão da intimidade entre os homens, o que leva alunos a aprenderem muito cedo a ridicularizar o próximo, caso ele não se adeque ao padrão de gênero e sexualidade apregoados pela cultura que vivenciam. Assim,

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse contagiosa, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com os sujeitos homossexuais: a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. O resultado é [...] um *apartheid* sexual, isto é, uma segregação que é promovida tanto por aqueles que querem se afastar nos/das homossexuais, como pelos/as próprios/as (LOURO, 2010a, p. 29).

Esse tipo de bullying afeta todos os educandos não enquadrados no padrão social uniforme heterossexista e é um dos mais comuns no ambiente escolar. Por isso, o relatório da Unesco (2013) aloca gays, lésbicas, travestis, transexuais e transgêneros como partes vulneráveis, pois as divergências do padrão heteronormativo os colocam em maior evidência.

Sob esse enfoque, é preciso prioritariamente manter o ambiente escolar seguro para os educandos, prevenindo o bullying homofóbico, que encontra arrimo na rígida cultura de sexualidade e gênero, e que coloca todos aqueles que destonam do padrão na comissão de frente para receber ataques preconceituosos e discriminação.

Os LGBTQ+ estão em todos os lugares, inclusive nas escolas, de forma que não há como negar sua presença, tampouco fechar os olhos para as necessárias ações educacionais específicas para o combate à homofobia. É preciso considerar que todos os estudantes são iguais, detentores dos mesmos direitos e deveres, independente de sua condição sexual (RUSSEL, 2011).

De acordo com a Unesco (2013), a violência e/ou segregação de alunos não assintas com as normas sexuais e de gênero preponderantes no meio é tão inaceitável quanto qualquer outro tipo de preconceito. Sendo assim, torna-se indispensável pensar em ações que viabilizem o acesso à educação de

qualidade e um ambiente escolar seguro para todos, independentemente de sexo, cor, raça, religião, deficiência ou condição sexual conforme ou não a heterossexualidade (UNESCO, 2013).

O professor é a peça fundamental para a desmistificação das pluralidades da sexualidade no ambiente escolar, e, se muitos contribuem para a homofobia, também há aqueles que reconhecem a importância de sua atuação contra o preconceito. É o que destaca Pinel (2004, p. 91), ao lembrar que há o tipo de professor que “[...] permite e reconhece o direito da voz ser expressa sem punições; que advoga ideias libertadoras e libertárias – que produz inter(in)venções psicopedagógicas”.

É impróprio desconsiderar a presença de crianças, jovens e adultos da comunidade escolar cuja condição sexual diverge do padrão heteronormativo. Gays, travestis, lésbicas, transexuais e bissexuais estão nas escolas e não podem ser privados de seus direitos, mas devem ser protegidos da violência promovida pelo heterossexismo, o que implica no questionamento nas crenças sobre a sexualidade no ambiente escolar (TORRES, 2010).

É preciso levar ao conhecimento dos educandos que os seres humanos não são unidade. Cada pessoa é única e a humanidade se forma pela multiplicidade dos seres que a compõe, devendo as diferenças ser respeitadas e essas questões devem ser trabalhadas nas escolas. Koehler (2013) expressa que

[...] necessitamos ampliar nossas referências e problematizarmos a respeito de como novos sujeitos dos sexos e dos gêneros poderão nos ajudar, para que as diferenças sejam de fato respeitadas e validadas pela sociedade e por todas as instituições que representam o Estado, especialmente as instituições escolares (KOEHLER, 2013, p. 131).

O estudo de Koehler (2013), ao avaliar a compressão da população sobre a homossexualidade e homofobia, indica a premente necessidade da educação da população e implementação de políticas públicas que viabilizem o respeito à diversidade sexual e identidade de gênero. Mas não bastam ações isoladas de combate ao preconceito. Como ensina Borrilo (2010), são essenciais ações pedagógicas que viabilizem a compreensão de que a homossexualidade é uma manifestação do pluralismo, e, por isso, tão legítima quanto a heterossexualidade.

A sexualidade é um componente da própria identidade do indivíduo. Inferiorizar alguém pela sua condição homossexual não afeta apenas a pessoa, como também colide com as próprias bases da democracia e da igualdade, favorecendo a violência e a hostilidade (BORRILLO, 2010). No ambiente escolar, a questão toma contornos ainda mais significativos, visto que se está diante de seres humanos em desenvolvimento, sem condições para sozinhos fazerem valer seus direitos. Isso acaba os deixando à margem do processo educativo, uma vez que se afastam da escola para fugir das ações homofóbicas que tanto mal os causam.

Conforme Tessarioli (2013), a escola é um local propício para o debate das questões relacionadas à homofobia, uma vez que ela tem um papel complementar à educação recebida pela família, completando a educação informal e tendo possibilidade tanto de reafirmar como de negar as influências socioculturais internalizadas pelos educandos. Assim, o processo escolar pode contribuir para a continuidade do preconceito ou auxiliar na quebra dos tabus e paradigmas já estabelecidos, concebendo o respeito entre os seres humanos e suas diferenças como principal elemento para o convívio social pacífico.

Sousa, Queiroga e Timóteo (2017) asseveram que a família e o meio social no qual o indivíduo está inserido lhe ofertam educação inicial e os primeiros conhecimentos, os quais são desenvolvidos e aprimorados na escola.

Esta, portanto, deve

[...] garantir ao seu alunado aprendizagem de conhecimentos, habilidades, competências e valores que são necessários para o processo de socialização do indivíduo. Assim como também deve formar cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes dos seus deveres e direitos e que sejam capazes de compreender a realidade a qual vivem, que estejam ainda preparados para participar da vida social, econômica e política do país e assim poder contribuir para a formação de uma sociedade mais igualitária (SOUSA; QUEIROGA; TIMOTÉO, 2017, p. 410-411).

Mesmo com as recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para que ocorram na escola discussões sobre a sexualidade, o tema ainda é envolto a muito tabus, que muitas vezes inviabilizam o seu debate. Na contramão das recomendações do governo federal, isso deixa a temática do homossexualismo ainda mais distante do padrão sexual apregoado como

correto, favorecendo a continuidade das práticas homofóbicas dentro das instituições de ensino (TESSARIOLI, 2013).

Conforme estabelecem os PCNs do terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental,

A proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais para Orientação Sexual é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social. As crianças e adolescentes trazem noções e emoções sobre sexo, adquiridas em casa, em suas vivências e em suas relações pessoais, além do que recebem pelos meios de comunicação. A Orientação Sexual deve considerar esse repertório e possibilitar reflexão e debate, para que os alunos construam suas opiniões e façam suas escolhas (BRASIL, 1998, p. 67).

Na mesma linha, os PCNs - Tema Transversal Orientação Sexual elucidam que:

A Orientação Sexual aqui proposta não pretende ser diretiva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual nem psicoterapêutico. Isso quer dizer que as diferentes temáticas da sexualidade devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor. Tal postura deve, inclusive, auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como vivência pessoal (BRASIL, 1997, p. 299).

Nota-se que os PCNs estabelecem a necessidade do debate sobre a sexualidade nas escolas, trabalhando temas relacionados à orientação sexual e possíveis diversidades. Não se trata de direcionar a escolha de parceiros, mas sim de confirmar que ela não pode ignorar a realidade, e deve trazer os termos gay, lésbica, transexual, travesti e demais nomenclaturas para seu espaço, pois há alunos que se enquadram nessas condições sexuais e precisam ser respeitados.

O que faz perpetuar o preconceito contra homossexuais é a falta de conhecimento e a desinformação. Discrimina-se aquilo que não se conhece simplesmente por ser diferente ou por não se adequar à forma padrão preestabelecida. Como destaca Kohler (2013, p.32), “[...] sem políticas públicas gerais, o ambiente escolar tende à manutenção das práticas discriminatórias, desconsiderando de forma irreal que a composição humana se faz pela diversidade”.

Louro (2010) considera que, muitas vezes, os educadores vulneráveis e despreparados para os desafios das aceleradas e plurais transformações dão voz a grupos sociais antes ignorados e silenciados. Conforme o autor, a cultura que tinha como protagonista o homem branco, hetero e de classe média é perturbada pelas transformações sociais, que trazem sujeitos de diferentes raças, gêneros, sexualidade e etnia, os quais não podem mais ser desvalorizados. Portanto, a educação precisa avançar no sentido de reconhecer e aceitar as diferenças, pregando a tolerância e o respeito à diversidade.

Para isso, é fundamental

[...] deixar de considerar a diversidade como um problema e passar a pensá-la como constituinte do nosso tempo. Um tempo em que a diversidade não funciona mais com base na lógica da oposição e da exclusão binárias, mas, em vez disso, supõe uma lógica mais complexa. Um tempo em que a multiplicidade de sujeitos e de práticas sugere o abandono do discurso que posiciona, hierarquicamente, centro e margens em favor de outro discurso que assume a dispersão e a circulação do poder. Não eliminamos a diferença, mas, ao contrário, observamos que ela se multiplicou (LOURO, 2010, p. 51).

A partir dessas constatações, o autor aponta a cultura como contingente, relacional e provisória, ora protagonizada por um, ora por outro grupo. O importante é considerar a pluralidade cultural e estar atento a tudo que desestabilize ou desconstrua, em um dado momento, a naturalidade e a universalidade, pois em todas as formas de cultura deve ser garantida a estabilidade da identidade “normal”. É preciso despertar nos alunos outro olhar para o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo, de modo que eles enxerguem mais que uma relação fora do padrão, mas laços de amor e afeto, que precisam ser respeitados.

Como destacam Romani e Rojobac (2011), a educação não se desenvolve alheia aos problemas sociais, de maneira que a heterogeneidade da sociedade reflete no ambiente escolar e não pode ser relegada no processo educativo. Embora os autores abordem a temática no cerne da questão cultural, a diversidade da condição sexual e sua estigmatização pela sociedade não deixa de ser oriunda da cultura hetero socialmente apregoada desde tempos pretéritos.

Nessa perspectiva, “[...] novas identidades culturais obrigam a reconhecer que a cultura longe de ser homogênea e monolítica, é, de fato, complexa,

múltipla, desarmoniosa, descontínua” (LOURO, 2010, p. 43). Isso implica em reconhecer que gênero e sexualidade não se sustentam da forma padrão e, por mais que as escolas se norteiem pelos modelos preestabelecidos, o processo educativo não está isento dos “desvios”, uma vez que a normalidade ainda se guia pela masculinidade, feminilidade e heterossexualidade, e tudo que não se adequa a isso é considerado excêntrico.

A questão que desponta é como combater o preconceito e discriminação impregnados na sociedade. Surge, portanto, a iminente necessidade de debater, em ambiente escolar, as questões relacionadas à homofobia, pois disso dependem a garantia dos direitos fundamentais do indivíduo e sua dignidade. Somente o conhecimento acerca da liberdade possibilita ao indivíduo escolher livremente sua condição sexual, e a retirada do antagonismo “heterossexual *versus* homossexual” é que subsidiará a diminuição, quiçá o fim da homofobia.

*“Léo: Imagina que legal você poder ir para um lugar que ninguém te conhece. Você pode inventar uma personalidade nova se você quiser.*

*Giovana: Ué você não gosta da sua personalidade?*

*Léo: Gosto. Mas o problema não sou eu.”*

*(Giovana e Léo – Hoje eu quero voltar sozinho)*

## 2 REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO EM UMA SOCIEDADE SEXUALMENTE HIERQUIZADA

Para se trabalhar a temática da homofobia em sala de aula, é preciso, antes de tudo, compreender em que consiste essa prática e quais seus riscos. A revisão literária da temática é de extrema relevância para se conseguir ratificar a necessidade do combate ao preconceito como medida cogente para a garantia da dignidade humana.

Considera-se que não basta estabelecer o conceito de homofobia, visto que este não alcança a amplitude da temática. Torna-se necessária, pois, uma abrangente reflexão sobre o preconceito em uma sociedade hierarquizada, abrangendo os reflexos da sua construção histórica, o que mostra a amplitude da questão, que perpassa aspectos sociais, psicológicos e jurídicos.

A homossexualidade é tão antiga quanto a própria existência da sociedade (MOTT, 1994). Contudo, o termo, originado do grego *homos*, foi pronunciado pela primeira vez somente em 1869, pelo jornalista Karl-Maria Kertbeny, para designar a experiência sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico. O vocábulo rapidamente se difundiu de forma bastante pejorativa e cem anos depois nasceu o termo gay, em uma proposta menos preconceituosa (GUIMARÃES, 2009).

Conforme acentuam Rondini, Teixeira Filho e Toledo (2017), a intenção do austro-húngaro ao mencionar o termo foi bem diferente da negatividade que ele assumiu ao longo dos anos. A ideia de Kertbeny ao intitular os homossexuais foi pregar a normalidade de qualquer condição sexual, defendendo a não criminalização de uma condição natural para muitos indivíduos. Entretanto, o vocábulo, oriundo da militância contra a discriminação, acabou se opondo à regra heterossexual e, com isso, contribuiu ainda mais para o preconceito em relação às práticas homoafetivas ou homoeróticas, por serem antagônicas ao discurso heteronormativo.

Isso ocorre por que a sociedade possui regras que buscam regulamentar as condutas dos indivíduos alinhadas às normas estabelecidas, e tudo aquilo que não se encaixa no padrão é excluído, devido à preocupação em gerenciar as pessoas com o intuito de controlá-las (FOUCAULT, 2008). Dessa maneira, o homossexualismo assume a conotação de desvio da heterossexualidade, que é

a expressão da sexualidade padrão. Daí nasce a motivação para preconceitos e discriminações que denotam a homofobia.

Para Borrilo (2010), é justamente em decorrência desses pensamentos que a homossexualidade, atributo da personalidade que deveria ser mantido fora de qualquer intervenção institucional, é marginalizada e discriminada. A homofobia, portanto, é uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, em que a forma hetero tem *status* superior por ser considerada a única natural.

Nesse interregno, um século depois da inauguração da expressão homossexual, as práticas preconceituosas fizeram surgir, em 1972, o termo homofobia, utilizado por George Weinberg para definir o medo, a repulsa diante das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo, incluindo preconceito, violência, agressão verbal e discriminação (MARINHO et al., 2004).

A homofobia é uma forma de preconceito socialmente construída com a finalidade de excluir aqueles cuja condição sexual ou de gênero não se equivale à apregoada como padrão correto. Logo, manteve-se a dominação hetero que prevalece na sociedade androcêntrica masculina, e que não apenas coloca o homossexual em oposição ao heterossexual, como também situa a mulher em posição de inferioridade ao homem (BORRILLO, 2010; WELZER-LANG, 2001).

Uma das definições mais completas atribuída ao termo é trazida à baila por Junqueira (2007), segundo a qual a homofobia se refere ao

[...] conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costumam produzir ou vincular-se a preconceitos ou mecanismos de discriminação e violência contra as pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (em especial, travestis e transexuais) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadra nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade. A homofobia, portanto, transcende a hostilidade e a violência contra LGBTQ+ e associa-se a pensamentos e estruturas hierarquizantes relativas a padrões relacionais e indenitários de gênero, a um só tempo sexistas e heteronormativos (JUNQUEIRA, 2007, p. 60- 61).

Nota-se que as ações homofobias não estão direcionadas apenas aos que se consideram LGBTQ+, mas também aos que, porventura, venham a se desviar do estabelecido como padrão. Em outros termos, o preconceito e

discriminação homofóbica se direcionam a todos que não se enquadram “[...] na noção binária de homem e mulher, macho e fêmea, como a dos (as) travestis e transexuais” (REIS, 2015, p.29).

Consoante Guimarães (2009), a necessidade de o homem afirmar sua masculinidade o leva a negar tudo que é feminino e, com isso, reprimir qualquer indício de homossexualidade. A mulher, independente da orientação sexual, já é inferiorizada, e o homem com indícios de identificação com o feminino passa também a ser estigmatizado.

A homofobia se sustenta na cultura da violência que marginaliza e exclui pessoas ou grupos com base em sua sexualidade, definida pela rejeição, aversão medo ou ódio irracional. E essa forma de discriminação é exteriorizada em violências verbal, física e psicológica, sustentadas por discursos machistas, sexistas, racistas, misóginos, transfóbicos, homofóbicos e lesbofóbicos (KOEHLER, 2013).

O preconceito é, conforme Marinho et al. (2004), uma antipatia baseada na generalização falha e inflexível dirigida a um grupo ou a pessoa desse grupo. Trata-se de uma relação intergrupala que, dentro das relações de poder, desenvolve-se e se expressa em ações depreciativas e hostilidades. Nesse sentido, fundamentando-se na Psicologia Social, o autor esclarece que a homofobia é classificada como preconceito e discriminação. Como preconceito, ela injustificadamente hostiliza um grupo ou seus membros; como discriminação, dirige a esse grupo ou indivíduo a ele pertencentes condutas negativas.

Borrilo (2010), por sua vez, explica que a homofobia é uma forma de violência consubstanciada em ações de inferiorização, diferenciação, desumanização e distanciamento da pessoa homossexual. Ela é sustentada por barreiras sexuais e de gênero que separam da sociedade os indivíduos que não se encaixam na ordem clássica dos gêneros.

O autor ainda descreve dois tipos de homofobia: a irracional e social. A primeira se assemelha aos medos fóbicos, como claustrofobia, zoofobia, entre outros, e consiste na forma bruta da violência vinculada a ações irracionais originadas em conflitos individuais. Já a homofobia cognitiva ou social reduz os homossexuais e a homossexualidade a um clichê, e se encontra “[...] presente nos insultos, nas piadas, nas representações caricaturais, assim como na

linguagem corrente, a homofobia descreve os gays e as lésbicas como criaturas grotescas, objetos de escárnio” (BORRILLO, 2010, p. 24-25).

O preconceito e a discriminação estão presentes em todas as classes e esferas sociais, e se fazem presentes na escola, na rua, na igreja, no trabalho, na justiça, em casa, na família, na polícia e em todas as esferas do poder público. Isso torna a homofobia um problema social e traz à lume a necessidade de políticas públicas que efetivamente protejam a comunidade homossexual, aqui compreendida em todas as opções sexuais que divergem do heteronormativo (MOTT, 2006).

A problemática em torno da homofobia se assenta na rigidez da visão da sexualidade em uma sociedade em que o heterossexual é o modelo padrão aceito e qualquer outra forma é inferiorizada, até mesmo por sistemas que deveriam combater o preconceito. Já a homofobia é sustentada pela cumplicidade cultural, científica, institucional e jurídica, afinal, a ideologia heterossexual é por todos esses compartilhada (BORRILLO, 2010).

Não se pode negar o avanço na legislação de vários países para punir com rigor as práticas homofóbicas e resguardar a expressividade dos grupos LBGTs. Entretanto, isso não é suficiente para coibir ações discriminatórias e preconceituosas; elas apenas se tornam mais veladas e sutis. Marinho et al. (2004) afirmam que as práticas homofóbicas seguem o mesmo padrão das racistas, e, a partir do momento em que começam a ser condenadas, o preconceito não deixa de existir, mas assume outras feições. Dessa maneira, a discriminação explícita se torna inapropriada, dando lugar a discursos homofóbicos implícitos, que apoiam a negação desse grupo e sua inferiorização.

Essa negação geral ao homossexualismo tem graves consequências, e uma delas é a interiorização da homofobia, que faz com que o preconceito parta do próprio homossexual para consigo mesmo. Borrillo (2010) acredita que, a partir do momento em que estão em uma sociedade regida pelo heterossexualismo e sem quaisquer referências psicológica, científica ou cultural que viabilize um “existir” digno aos homossexuais, eles começam a se odiar por serem diferentes. Logo, perdem a autoestima e, em casos mais extremos, até mesmo o apreço pela vida.

É nesse diapasão que Marinho et al. (2004, p. 373) constatam que “[...] a vivência de situações de agressão e violência pode trazer consequências

psicológicas que perduram por muito tempo, após os efeitos físicos imediatos terem se dissipado”. Para justificar essa afirmação, os autores elucidam que a experiência de ser discriminado abre espaço para sentimentos de tristeza, insatisfação com a sociedade, rejeição a si próprio e ansiedade, o que gera stress psicológico, e, conseqüentemente, culmina na culpa pela inadequação ao padrão hetero, em razão da homofobia sofrida.

A internalização da homofobia leva a um conflito intrapsíquico entre o que o indivíduo acha que deveria ser, em razão do padrão hetero que a sociedade tenta imprimir, e o que ele realmente é e vivencia em relação a sua própria sexualidade, não adequada ao modelo heteronormativo. Isso representa um grande risco para o desenvolvimento e para a vida da pessoa.

Desde os primórdios, a sociedade é machista e a figura masculina é delineada como a mais forte. Com isso, a identidade sexual masculina se forma a partir dos ensinamentos de sua superioridade, e da negação do feminino e do homossexualismo. Sendo assim, a homofobia tem a função de policiar a sociedade, ao passo que “[...] reprime qualquer comportamento, gesto ou desejo que transborde as fronteiras impermeáveis dos sexos” (BORRILLO, 2010,p. 90). No Brasil, as minorias são frequentemente vítimas de preconceito e discriminação, que resultam em agressões. Em 2016, foram assassinados 173 gays, 144 travestis e transexuais, 10 lésbicas, 4 bissexuais e 12 heterossexuais que possuíam algum tipo de relacionamento com os LGBTQ+, totalizando 343 vítimas da intolerância. É evidente, pois, que a violência contra essa população é um elemento que chama a atenção e traz a necessidade de adoção de políticas urgentes e incisivas de enfrentamento.

A expressiva violência pode ser percebida, também, na evolução no número de assassinatos, apresentada no gráfico a seguir:



**Figura 8** – Evolução nas mortes de LGBTQ+ no Brasil

Além disso, o Brasil é o país com maior número de assassinatos correlacionados à homofobia. De 44% das execuções mundiais motivadas pela sexualidade, a maioria das vítimas são gays e travestis. Considerando o Relatório Anual sobre os Assassinatos de Homossexuais, Koehler (2013) afirma que um homossexual morre a cada 26 horas. Mas a realidade, segundo Mott (2006), é bem pior que a apresentada, em razão da subnotificação desse tipo de crime, que não permite que os dados sejam verossímeis à realidade.

Portanto, a real dimensão da problemática não é conhecida pela falta de números que enfatizem a violência homofóbica. Além do mais, grande parte dos dados é noticiada pela mídia, mas faltam estudos de confiabilidade científica sobre o tema (MARINHO et al., 2004).

De todo modo, os elevados índices de crimes cometidos contra a população LGBTQ+ denotam a vulnerabilidade desse grupo frente a uma legislação nacional ainda carente de mecanismos para punir com maior rigor a prática de crimes homofóbicos ou transfóbicos. Esse cenário sustenta o discurso de Fernandes (2013), segundo o qual o Brasil é marcado pela grande violência letal praticada contra os LGBTQ+.

A absurda taxa de criminalidade apresentada precisa ser considerada e os crimes praticados contra a população LGBTQ+ não podem ser encarados como comuns, pois não são. Isso porque possuem uma motivação determinante

muito peculiar e específica, que é a intolerância descabida e o ódio pelos homossexuais e afins (MOTT, 2006).

Outro fator que impede a contagem real dos crimes de ódio relacionados à homofobia é o fato de a própria vítima internalizar o sentimento de inferioridade e preferir manter sua privacidade, uma vez que apenas 36% dos crimes motivados pelo preconceito sexual são denunciados (MARINHO et al., 2004).

Justamente por essas razões, o Grupo Gay da Bahia decidiu documentar a violência homofóbica no intuito de evidenciar, por meio de um banco de dados, seus índices, bem como as práticas comuns dos casos letais. Considerando o período de 1963 a 2004, o grupo catalogou 2.501 crimes letais, cujas características denunciam requintes de crueldade, sendo que na maioria dos casos que envolvem gays e travestis a *causa mortis* foi decorrente de tiro, facada ou espancamento. Além do mais, constatou-se que a maior porcentagem de vítimas negras ou mestiças tinha idade entre 18 e 39 anos (MOTT, 2006).

Inobstante essa subnotificação, os dados apresentados já são bastante alarmantes, ainda mais se somados às estatísticas do disque denúncia da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, que reportam quase 31% das denúncias recebidas relacionadas a violações dos direitos da população LGBTQ+. Ademais, cada vítima sofre, em média, 3,23 violações, e, mesmo assim, não tem seus direitos efetivamente resguardados por políticas públicas eficazes (KOEHLER, 2013).

Esses dados refletem a forma como os homossexuais, no sentido amplo da palavra, foram recepcionados ao longo da história brasileira. A falta de respeito a sua identidade e as atrocidades cometidas contra a classe existem desde o início da colonização do Brasil. Desde então, essa parcela da população é discriminada, vista como pecadora pela sodomia, como indicam os registros apontados por Mott (2001). Esses aspectos serão trabalhados de forma mais profunda no desenvolvimento do estudo proposto.

O preconceito contra os homossexuais é reflexo do passado histórico, no qual os indivíduos em condição sexual diversa da socialmente estabelecida, mesmo após não serem mais considerados pecadores ou criminosos, tinham tolhidos seus direitos, não eram resguardados como os demais cidadãos, e acabavam ficando à mercê da própria sorte quando se deparavam com práticas preconceituosas mais perversas. Esses aspectos marcam a história do

homossexual no mundo e também no Brasil, onde a homofobia continua fazendo suas vítimas e escrevendo um lado obscuro da história.

## **2.1 Surgimento e Fortalecimento dos Grupos LGBTQ+**

O LGBTQ+ é um movimento social que se organiza a partir da necessidade de unir forças para a reivindicação de melhores condições para a classe. Esse tipo de movimento, de caráter sociopolítico, ganha força a partir da participação coletiva e consubstancia a união social em prol de uma reivindicação, luta ou protesto a longo prazo, com fulcro no alcance de objetivos preestabelecidos de grande importância para a classe envolvida (BEZERRA et al., 2013).

Convém expor a definição dada aos movimentos sociais por Gonh (1995), que além de elencá-los como ações coletivas presentes em diferentes classes e camadas sociais, estabelece que:

Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de: conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (GOHN, 1995, p. 44).

Em sede nacional, os movimentos sociais tomaram forma em 1950, e, na década seguinte, foram reforçados em razão da política vigente na época, quando a ascensão da Ditadura Militar espalhou uma onda de insatisfação econômica e social, alavancando movimentos de luta contra o Regime Militar e o autoritarismo desse sistema (GOHN, 1995).

Tendo em vista a força expressiva dos movimentos sociais que ajudaram a colocar fim na Ditadura instaurada no país, os brasileiros unidos foram à luta pelos seus direitos, que estavam sendo suprimidos. Como recompensa, conquistaram, anos mais tarde, uma nova ordem constitucional democrática, a Constituição Federal de 1988, ainda vigente, que tem como maiores fundamentos a dignidade da pessoa humana e a proteção de seus direitos fundamentais (SARLET; MARINONI; MITIDIERO, 2016).

Com início na Europa no final do século XIX, somente nos anos 1970 o movimento LGBTQ+ chegou ao Brasil. Sua principal bandeira é a luta pela igualdade e a efetividade dos direitos necessários à dignidade, especialmente o direito de liberdade (FERRARI, 2003).

Em 1970, os movimentos sindicais deram visibilidade às reivindicações da classe trabalhadora, mesmo período em que houve a ascensão dos movimentos estudantis. A notoriedade da força angariada pela união que se sustenta de forma organizada, sob uma ideologia comum e buscando alcance de objetivos determinados, fez surgir uma série de outros movimentos, a exemplo do Movimento Sem Terra, além de outros, em prol dos índios, mulheres, crianças, negros, e também o movimento LGBTQ+ (BEZERRA et al., 2013).

Nota-se com clareza que os movimentos sociais lutam por direitos da parte mais vulnerável da relação. Na convivência em uma sociedade machista, na qual a figura masculina é delineada como a mais forte, a identidade sexual masculina se forma a partir dos ensinamentos de sua superioridade, concomitantemente com a negação do feminino e do homossexualismo (BORRILLO, 2010). O movimento LGBTQ+ segue esse mesmo padrão para proteção daqueles que estão em situação de vulnerabilidade perante a hegemonia heterossexual que se deseja a todos compelir.

A união LGBTQ+ é a forma de organizar esse grupo para defesa de seus direitos, unindo forças contra a discriminação impregnada na sociedade, e pressionando o poder público para garantir o exercício da cidadania (BEZERRA et al., 2013). Isso porque a dominação masculina é uma questão evidente, como também não se pode negar que ainda se entende como normal apenas as relações sexuais entre homens e mulheres (WELZER-LANG, 2001).

Em 1980, houve um expressivo fortalecimento da luta pelos direitos humanos dos LGBTQ+s, momento em que associações e grupos ativistas se multiplicaram pelo país, somando mais de 140 em todo o território nacional (BRASIL, 2004). O movimento LGBTQ+ se uniu a outros de oposição ao Regime Militar, afirmando a homossexualidade como liberdade sexual, e facilitando a comunicação entre o grupo de forma mais organizada. Contudo, quando a democratização começava a nascer novamente no Brasil, a epidemia da AIDS retrocedeu à associação da homossexualidade/patologia (BEZERRA et al., 2013).

Por outro lado, isso deu ainda mais força aos movimentos homossexuais visto que, a partir de 1990, a classe se uniu para o enfrentamento da AIDS, ao mesmo tempo em que desmistificava a condição homossexual como doença. Afirmava-se, assim, a necessidade de reconhecimento legal das relações homossexuais, condição que não pode ser motivo de segregação ou violência, pois o indivíduo merece, independentemente de sua orientação sexual ou de gênero, a proteção de seus direitos (FERRARI, 2003).

Foi nesse contexto que surgiu a Parada do Orgulho LGBTQ+, que não se trata somente da celebração do “Orgulho gay”, mas, sobretudo, como afirmam Bezerra et al. (2013, p. 317), “[...] representam uma luta contra as formas condenatórias e de perseguição social contra ações sexuais não convencionais associados à vergonha, pecado, doença, degeneração, imoralidade”. O evento, que mobiliza milhares de pessoas, representa a força do ativismo (BRASIL, 2004).

*A gente tem que falar às coisas que sente.  
Não adianta deixar guardado.*

(Gabriel - Hoje eu quero voltar sozinho)

### 3 CINEMA E ESCOLA

#### 3.1 Perspectiva Histórica do Cinema Brasileiro

Desde os anos 1810 a cultura é incentivada no Brasil. No que diz respeito ao cinema, na “Era Vargas”, especificamente em 1936, foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), dirigido pelo antropólogo Roquete Pinto até 1947, período que marca as produções nacionais oficiais, como *O Descobrimento do Brasil* e *Os Bandeirantes*, com o propósito educativo de veicular a verdade histórica do país (CESNIK, 2012).

Nesse momento, outras produções, tidas como comerciais, ficavam ainda fora de sala de aula, o que é apontado como justificativa para o desprezo dos historiadores pelo cinema. Os trabalhos da historiografia cinematográfica iniciaram somente em 1960, quando o cinema passou a ser considerado documento e fonte histórica (DOMINGUES, 2017).

Em 1948, sem os devidos incentivos públicos, empresários subsidiaram a construção da Cinemateca Brasileira e do Teatro Brasileiro de Comédia. No governo Geisel, foi criado o Conselho Nacional de Cinema. Em 1995, com maior aplicabilidade da Lei Rouanet, os investimentos no setor cinematográfico nacional foram ampliados, com destaque, no governo de Fernando Henrique Cardoso, para a criação da Agência Nacional de Cinema (ANCINE) e impulso à indústria cinematográfica (CESNIK, 2012).

Ademais, é preciso informar que, embora o cinema exista desde 1895 como veículo de entretenimento, comunicação e arte, o impulso maior às produções cinematográficas ocorreu anos depois, a partir de 1975, com a invenção do videocassete, que, com sua popularização, levou os filmes para fora das salas de exibição (CHRISTOFOLETTI, 2009).

Os videocassetes foram muito salutar para a ampliação da produção cinematográfica nacional, especialmente a partir de 1982, quando os aparelhos começaram a ser fabricados no Brasil, pois, com a disseminação dos produtos o mercado percebeu novas possibilidades de receita a ser explorada. Esse mercado doméstico expandiu o alcance do cinema, que antes estava restrito às

programações dos canais de televisão e circuitos de exibição (CHRISTOFOLETTI, 2009).

A historiografia cinematográfica mostra o cinema brasileiro dividido em diferentes épocas, que foram moldando as produções nacionais. Os primeiros períodos foram marcados pelo domínio Hollywoodiano, avanço do cinema sonoro, as chanchadas, o Cinema Novo, a Embrafilme, a crise dos anos 1980, e a retomada (KREUTZ, 2019).

O ano de 1896 marcou o início da exibição de uma série de filmes curtos que retratavam o cotidiano das cidades europeias (KREUTZ, 2019). Em julho de 1896, o país estreou as exibições, com uso da máquina importada “Omniographo” (VIANY, 1987), refletindo a posição do Brasil como exportador de matéria-prima e importador de produtos manufaturados, bem como a presença marcante dos imigrantes no âmbito cinematográfico brasileiro, especialmente italianos. A primeira sala de projeção foi inaugurada no ano seguinte, no Rio de Janeiro, local que, além de exibição de filmes, apresentava outras atrações culturais (CAMPOS, 2004).

Em 1898, além de ganhar mais salas de projeção, as exibições cinematográficas passaram a ser realizadas por todo país de forma itinerante. Com isso, o cinema foi ganhando mais espaço e, em 10 anos, contados da estreia, o país somou mais 150 filmes nacionais, com produção recorde de 27 no ano de 1900 (VIANY, 1987).

Campos (2004) informa que, no início, a produção era marcada por curtas-metragens, reflexo dos poucos recursos e limitações decorrentes da deficiência no fornecimento de energia na maioria das regiões brasileiras. O atraso nacional no tocante ao fornecimento de energia elétrica é apontado por Gomes (1980) como responsável pelo atraso das produções brasileiras, que notadamente tiveram uma guinada com o avanço da produção e fornecimento de energia. Isso possibilitou a expansão do número de salas de exibição, aumentou a importação de filmes e também expandiu a produção cinematográfica nacional, que, além dos curtas-metragens, começou a produzir filmes longos.

Conforme Gomes (1980), a era de ouro do cinema brasileiro ocorreu entre 1908 e 1911, marcada por uma variedade de gêneros, provenientes da grande quantidade de produções anuais, especialmente nos anos de 1909 e 1910, com mais de 100 filmes.

Entretanto, a falta de recursos tecnológicos impediu o país de acompanhar a qualidade e efeitos das produções estrangeiras, o que levou a um período de decadência, sentido a partir de 1912. Esse quadro persistiu pelos dez anos seguintes, levando a um desinteresse generalizado de produtores, diretores e roteiristas, o que acabou colocando o país à disposição da produção internacional (GOMES, 1980).

A partir de 1923, o cinema brasileiro começou a se reerguer, e a década seguinte superou as produções da anterior em qualidade e quantidade. Especialmente no primeiro aspecto, houve avanços bastante significativos com o estímulo do cinema falado e diversificação dos locais de criação espalhados por várias regiões de país. No entanto, esse período também marcou o ápice hollywoodiano, o que impactou negativamente as produções nacionais (CAMPOS, 2004).

Campos (2004) adverte que, mesmo nesse contexto, o Brasil avançou na área cinematográfica, destacando a formação da chanchada, gênero fílmico autenticamente nacional, que tem como características a comicidade, o apelo popular, a onipresença musical e a paródia. Esse gênero influenciou a abertura de estúdios no Brasil, tais como Cinédia (1930), Brasil Vita Filme (1934) e Sonofilme (1937), e por anos dominou o mercado brasileiro.

Convém ressaltar que as chanchadas eram bastante refutadas pela crítica como algo sem valor, e para alguns inclusive se definia como “[...] disparate vulgar combinado a um pouco de sexo e frases de duplo sentido” (RAMOS, 2005, p. 02). Para os críticos da chanchada, a abordagem cômica a tornavam inferior pela falta de sofisticação que não atendia a proposta estética que eles queriam.

No entendimento de Ramos (2005), mesmo nesse cenário rodeado de críticas, as chanchadas consubstanciaram um movimento cinematográfico de muitas potencialidades. Por isso, não podem ser restringidas como paródias subdesenvolvidas, tampouco relegadas a segundo plano, visto que foram muito importantes para a identificação e fortalecimento do cinema nacional.

A queda das chanchadas começou a ser sentida na década de 1960, com o advento do cinema novo, que pretendia trazer mais qualidade às produções nacionais. Apesar de o período ser marcado por melhorias técnicas e artísticas, o cinema brasileiro continuou sentido dificuldades com a distribuição e exibição

dos filmes, além da falta de administração que garantisse a perpetuação das produções da Companhia Cinematográfica de Vera Cruz (CAMPOS, 2004).

Em 1969, durante a Ditadura Militar, foi criada a Empresa Brasileira de Filmes S/A (Embrafilme), através do Decreto-Lei nº 862, com função de regulamentar o setor cinematográfico, distribuir e promover as produções nacionais no Brasil e exterior, com o intuito de difundir a cultura nacional de forma controlada e centralizada pelo Estado. Para tanto, estipulou-se uma reserva para exibição dos filmes nacionais e o financiamento público das produções, o que representou importantes conquistas para o cinema brasileiro, que teve maiores garantias da distribuição de seus produtos (AMANCIO, 2001).

Em seus estudos, Campos (2004) confirma que a Embrafilme é um divisor de águas para o cinema nacional, que desde sua criação experimentou um grande sucesso, elevando público dos filmes nacionais, que até em 1978 se manteve superior ao de filmes estrangeiros. Contudo, o clientelismo causado pela presença do Estado e aspectos políticos desgastaram o órgão e ocasionaram sua crise e fechamento. Houve, então, uma crise do cinema nacional, que teve interrompida sua trajetória de expansão até o período chamado de Retomada do Cinema Brasileiro.

Nesse momento de crise, houve uma queda drástica na produção cinematográfica brasileira. A média anual de 80 longas-metragens caiu para nove em 1992, os quais, em sua maioria, sequer eram exibidos em cinemas ou não contavam com público considerável. Essa situação foi agravada não somente pela extinção da Embrafilme, como também pelo fechamento do Conselho Nacional de Cinema e da Fundação do Cinema Brasileiro (LACERDA JUNIOR, 2015).

O período da retomada, dos anos 1990 até 2003, designa o retorno da produção fílmica brasileira, que havia sido abruptamente interrompida com o fim da Embrafilme no governo Collor, marcando a substituição do Estado pela participação das empresas. Com Itamar Franco na presidência, as possibilidades para a retomada foram abertas mediante a promulgação de leis de incentivo e possibilidades de premiações, especialmente o Prêmio Resgate do Cinema Brasileiro, a diversidade de estilos e gêneros de qualidade que conquistam o público e dificultaram a caracterização específica para o estilo da época (CAMPOS, 2004).

Com filmes pátrios feitos segundo padrões internacionais de qualidade, a retomada balizou uma nova fase do cinema nacional, que teve como marco o filme de Carla Camurati, *Carlota Joaquina, A Princesa do Brasil* (1995). Desde então, muita coisa mudou, especialmente em termos de qualidade e quantidade, o que permitiu uma atuação mais estratégica do cinema brasileiro e a consequente conquista do público (CAMPOS, 2004).

No período da retomada, Kreutz (2019) destaca três produções indicadas ao Oscar de melhor filme estrangeiro, quais sejam: *O Quatrilho* (1995), *O Queé Isso, Companheiro?* (1997) e *Central do Brasil* (1998). Este último levou Fernanda Montenegro a ser a primeira e única mulher latino-americana indicada ao prêmio de melhor atriz. Na sequência, o longa-metragem *Cidade de Deus* (2002) recebeu o Globo de Ouro de melhor filme e estrangeiro, e também teve quatro indicações ao Oscar, nas categorias melhor direção, melhor diretor, melhor direção de fotografia e melhor roteiro adaptado, encerrando o período da retomada.

A pós-retomada, iniciada 2003 com o longa *Carandiru*, marcou uma nova era do cinema nacional, cujas produções são consideradas mais vendáveis, atraindo todos os anos milhões de expectadores. Entre as produções dessa nova fase destacam-se *Tropa de Elite* (2007) e *Tropa de Elite 2* (2010); as comédias *De Pernas pro Ar* (2010), *Minha Mãe é uma Peça* (2013) *Minha Mãe é Uma Peça 2* (2016); os longas *Os Dez Mandamentos – O Filme* (2016) e *Nosso Lar* (2010); e as produções independentes, entre as quais estão *Hoje quero Voltar Sozinho*, *Que horas ela volta*, e *Branco Sai, Preto Fica* (KREUTZ, 2019).

Considerando que um novo cinema brasileiro nasceu em 2005 com a ampliação das produções independentes, Arthuso (2016) menciona que essa nova geração incorporou formas consagradas do cinema internacional e expressaram uma maior sensibilidade do criador-narrador. Não é que os filmes sejam melhores, mas trazem a lume “[...] um ambiente cinematográfico mais questionador das dinâmicas sociais e políticas arcaicas do Brasil contemporâneo” (ARTHUSO, 2016, p. 164).

No início do século XXI, o país vive um período de crise e recessão, e o setor cinematográfico é ameaçado com a possível extinção do Ministério da Cultura. Por outro lado, o avanço da tecnologia da informação democratizou a produção e reduziu seus custos, o que, somado à obrigatoriedade dos canais

por assinatura, desde 2013, exibirem conteúdo cinematográfico nacional em horário nobre, auxilia no fortalecimento do setor (KREUTZ, 2019).

### 3.2 Breves Apontamentos sobre a Abordagem da Temática LGBTQ+ no Cinema

De acordo com Virgens (2013), a primeira produção que abordou a questão homossexual de maneira mais aprofundada foi *Anders als die Anderen* (1919), filme alemão de tradução brasileira “Diferente dos Outros”<sup>21</sup>, que contava a trama de Conrad Veidt, violinista que se apaixonou por um aluno, mas acabou por se matar.

Em Hollywood, conhecida por ser o maior centro de produção cinematográfica do mundo, o primeiro filme reconhecido como “gay” foi *Lot in Sodom* (1933)<sup>22</sup>, baseado na história bíblica de Sodoma e Gomorra. Anteriormente a isso, nas décadas de 1920 e 1930, vários filmes adotaram personagens homossexuais, apenas se apresentando por meio de insinuações, sem utilizarem uma abordagem direta (VIRGENS, 2013). Segundo o autor, a partir dos anos 1990 surgiram filmes com a finalidade de destacar a chamada “peste gay”, a AIDS, e um dos maiores sucessos foi o filme *Filadélfia* (1991)<sup>23</sup>, que venceu dois Oscars.

Não há como mencionar a abordagem da temática gay no cinema sem falar do primeiro filme com abordagem de romance homossexual indicado ao Oscar<sup>24</sup>, sendo campeão em três categorias, além de recebido prêmios importantes como Leão e Globo de Ouro. Trata-se de um longa-metragem

<sup>21</sup> Paul Körner é um violinista de sucesso, que se apaixona por um de seus alunos. Flashbacks nos mostram como Körner tornou-se ciente de sua orientação sexual e tentou inicialmente modificá-la para, em seguida, compreendê-la. Um chantagista desprezível, porém, descobre e ameaça expor o violinista como homossexual.

<sup>22</sup> *Lot in Sodom* é um filme experimental curto e silencioso de 1933, baseado no conto bíblico da cidade de Sodoma e Gomorra. Foi dirigido por James Sibley Watson e Melville Webber. O filme usa técnicas experimentais, imagens de vanguarda e fortes alusões à sexualidade, especialmente à homossexualidade

<sup>23</sup> Andrew Beckett (Tom Hanks) é um promissor advogado que trabalha para um tradicional escritório da Filadélfia. Após descobrirem que ele é portador do vírus da AIDS, Andrew é demitido da empresa. Ele contrata os serviços de Joe Miller (Denzel Washington), um advogado negro que é homofóbico. Durante o julgamento, este homem é forçado a encarar seus próprios medos e preconceitos.

<sup>24</sup> O filme recebeu oito indicações ao Oscar 2006, ganhando três: melhor direção para Ang Lee, melhor roteiro adaptado e melhor trilha-sonora.

americano estrelado em 2005, no qual dois caubóis vivem uma história de amor que marcara suas vidas.

Para Moreno (1995), o primeiro filme com personagens homossexuais no Brasil foi uma comédia chamada *Aníbal quer Casar* (1923)<sup>25</sup>. O autor, que é pioneiro na pesquisa acerca das representações que o cinema nacional faz dos personagens LGBTQ+, realizou um levantamento de 125 filmes, produzidos entre as décadas de 1920 a 1980, que continham em seu enredo personagens LGBTQ+s.

Não é foco deste trabalho relacionar os filmes encontrados pelo autor em seu trabalho de campo, porém, é válido ressaltar que, em algumas décadas, foram poucas obras encontradas. Nos anos 1920, o autor encontrou apenas uma obra produzida, ao passo que nos anos 1940 e 1950 foram encontradas apenas três obras para cada uma dessas décadas.

De acordo com Gois (2002), nos estudos realizados por Moreno<sup>26</sup> sobre a representação dos homossexuais no cinema brasileiro, houve três fases fundamentais para a construção dessas representações. Na primeira, entre os anos 1920 e 1960, quase não se notava a temática; na segunda, a partir dos anos 1960, havia maior quantidade de representatividade homossexual, questão que passou a ser abordada, mas ainda não de forma central; e na terceira, a partir dos anos 1970, houve uma explosão das evidências. Contudo, de acordo com o autor, nessa época surgiu o “homossexual padrão”, por meio de gestuais, maneiras específicas de se comportar e de falar, na maioria das vezes com estereótipos.

Conforme Lacerda Júnior (2015), o período de retomada do cinema brasileiro após a crise findada nos anos 1990 evidencia uma mudança na representação dos personagens homossexuais no cinema. Há uma visível alteração na forma de abordagem da homossexualidade e suas representações, o que ele considera ser fruto das políticas afirmativas e de representação da diversidade sexual.

<sup>25</sup> Augusto Aníbal está desesperado para casar, mas não é mestre na arte das conquistas. Ele começa, então, a perseguir desastrosamente as moças bonitas que passam pelo seu caminho. Cansadas de tamanho assédio do bobalhão, elas resolvem armar uma vingança, promovendo o casamento dele com um travesti.

<sup>26</sup> Os trabalhos pioneiros que analisam a figura do homossexual no cinema brasileiro são as obras de autoria de Antônio Moreno: *A personagem homossexual no cinema brasileiro* (2001) e Wilton Garcia: *Homoerotismo e imagem no Brasil* (2004).

A nova conjuntura trouxe com ela uma nova forma de pensar e representar a homossexualidade e o homoerotismo. Não há mais uma hierarquia entre os sexos e se prega um maior respeito entre os gêneros, colocando hetero e homossexualidade como expressões igualmente legítimas. Nesse caminho,

[...] a orientação do desejo em direção ao mesmo sexo ou ao sexo oposto é que se tornou o traço definidor das identidades, substituindo assim a dicotomia entre feminino e masculino (nas figuras da bicha e do bofe) pela oposição entre homo e heterossexual (LACERDA JUNIOR, 2015, p. 117).

Essa nova fase evidencia um maior respeito à diversidade sexual, e a identidade homossexual é difundida, e não mais tida como patologia. Nessa conjuntura, surgiu no cinema um novo homossexual, que destrói a imagem padrão anteriormente concebida, superando a noção da condição sexual entrelaçada com perversão, anormalidade, homoerotismo ou doença (LACERDA JUNIOR, 2015).

Muitos foram os avanços, mas ainda há muito que se fazer, especialmente considerando o potencial do cinema como agente transformador. Os filmes são capazes de despertar debates sobre homofobia e temáticas LGBTQ+, como informa Magioli (2014), ao defender que o cinema precisa se posicionar de forma positiva em relação a isso.

Mas nem todos os filmes nacionais que abordam essa temática cumprem esse papel. Além disso, ainda há uma série de produções nacionais que abordam a homossexualidade de forma pejorativa, associando-a à criminalidade e finais trágicos (SILVA, 2017).

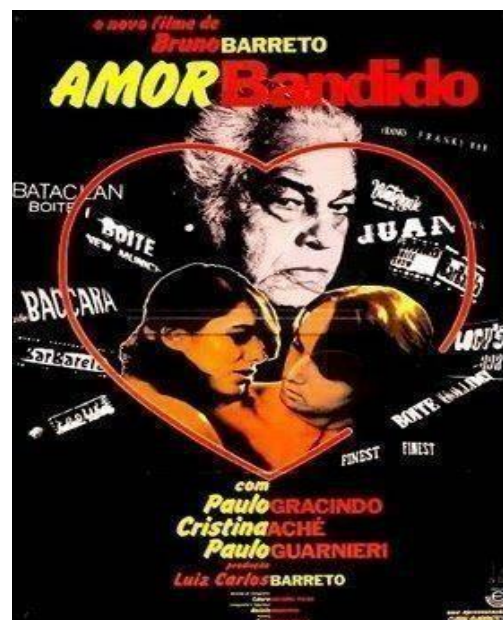
Moreno (1995) relaciona alguns filmes que tratam os homossexuais de forma pejorativa. A seguir passarei a citá-los juntamente com os seus cartazes da época de exibição nos cinemas.

Em Aníbal quer casar o personagem principal é louco para casar, anda atrás de todas as mocinhas da cidade com esse intuito. Elas por sua vez aplicam uma peça em Aníbal e ele acaba por se casar com uma travesti sem saber que ela é de fato travesti



**Figura 9-** Cena do filme Aníbal quer casar

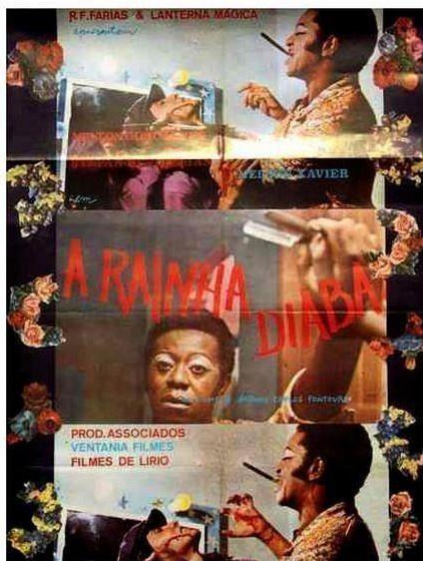
No filme Amor Bandido (1978) de Bruno Barreto o personagem homossexual é insignificante, aparece apenas no momento do seu suicídio e é relembrando pelos demais personagens de forma degradante.



**Figura 10-** Cartaz do filme Amor Bandido

Em a Rainha Diaba (1974) com direção de Antônio Carlos Fontoura Milton Gonçalves encarna a personagem título que se automeou a Diaba. Ela atua

como controladora de uma rede de tráfico de drogas na parte de trás de um prostíbulo.



**Figura 11-** Cartaz de A Rainha Diaba

Espejo na carne (1984) também com direção de Antônio Carlos Fontoura apresenta em certa altura cenas de lésbicas e algumas de homossexualismo erustido dos homens. Os maridos das personagens principais Ana e Helena apostam uma relação anal para quem perder no jogo de cartas.



**Figura 12-** Cartaz de Espelho de Carne

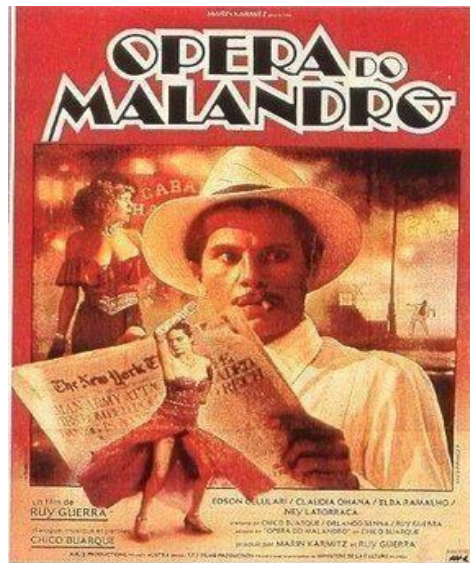
Em Toda Nudez será castigada (1973) com direção de Arnaldo Jabor temos o personagem Serginho que nunca apresentou tendências homossexuais possui quer seja por gestos característicos quer seja por comportamento. Em

dado ponto do filme Serginho é preso e na cadeia é estuprado por um boliviano. No final do filme Serginho foge para a Bolívia com o seu estuprador.



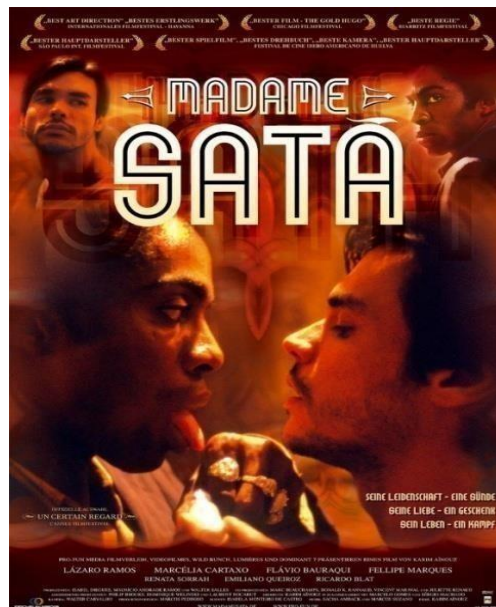
**Figura 13-** Cartaz de Toda Nudez será castigada

Em a Opera do Malandro que se passa em parte no Cabaré do Hamburgo encontramos Geny, o personagem homossexual do enredo que nutre uma paixão pelo personagem de Edson Celulari (o malandro da trama). Geny tem gestuais bastante afetados.



**Figura 14-** A opera do Malandro

Madame Satã (2002) com direção de Karim Aïnouz traz Lazaro Ramos como o personagem principal: João Francisco dos Santos que mais tarde ficaria conhecido como Madame Satã. O filme retrata João Francisco como homossexual, ex-presidiário e bandido<sup>27</sup>.

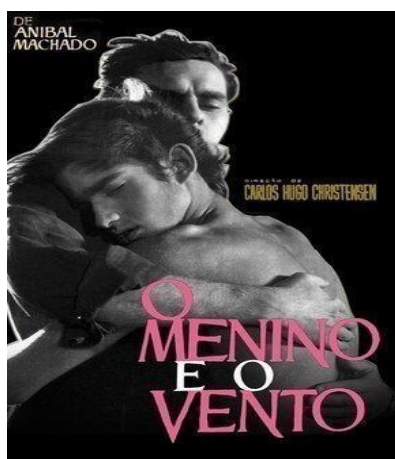


**Figura 15-** Madame Satã

<sup>27</sup> Em 2005 a Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) nomeou o filme como um dos cem melhores de todos os tempos.

Entre os filmes que Moreno (1995) considera que os homossexuais são tratados de forma respeitosa estão: O menino e o vento, Vera, Pixote e O beijo da mulher aranha. Logo abaixo apresento os cartazes dos filmes e em breves palavras do que é tratado em cada um.

O menino e o vento (1967) com direção de Carlos Hugo Christensen conta a história de João Roberto que vai visitar uma cidade do interior e vê surgir uma ligação muito forte entre ele e um garoto da localidade. A população local vê essa ligação com olhos de maldade e quando o garoto desaparece João Roberto é acusado de ter assassinado o adolescente.



**Figura 16-** O menino e o Vento

Vera a personagem que dá título ao filme cresceu em um orfanato com um comportamento masculinizado. Depois que sai do orfanato conhece e se torna amiga de Clara e passa a se vestir de homem buscando assim convencer Clara que de fato ela é um homem.



**Figura 17-** Cartaz de Vera

Em Pixote vemos a questão da homossexualidade em Lilica (Jorge Julião) um dos garotos de rua amigos de Pixote. Lilica tem gestuais femininos e mantém um relacionamento com um traficante de drogas.

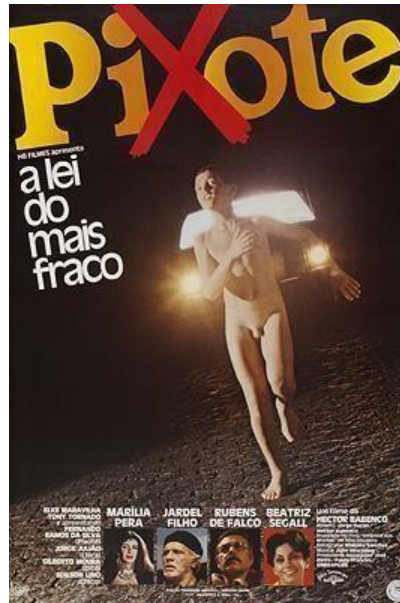


Figura 18- Pixote

Por fim, em O Beijo da Mulher Aranha acompanhamos o passar do tempo na cela de Valentín Arregui e Luís Molina este último um homossexual afeminado que nutre sentimentos pelo seu companheiro de cela.



Figura 19- O Beijo da Mulher Aranha

Destarte, o cinema nacional, embora tenha evoluído bastante, carece ampliar a abordagem do homossexual que venha ao encontro dos interesses desse grupo, que tanto sofre com todo tipo de preconceito. É preciso focar na abordagem da condição do mundo LGBTQ+ e nos direitos de igualdade e liberdade, colocando como equivalentes todas e quaisquer formas de amor.

### **3.3 Cinema como Recurso Didático no Enfrentamento à Homofobia**

Christofoletti (2009) afirma que o cinema traz diversas possibilidades de auxílio ao processo de ensino e aprendizagem, e, por isso, desde a década de 1990 é utilizado por docentes dos diversos níveis de ensino. Para o autor, com a popularização do acesso às produções cinematográficas, especialmente com a invenção do vídeo cassete e das fitas VHS, seguido pelo DVD e aparelhos para sua reprodução, tornou-se possível que os professores rapidamente percebessem as possibilidades pedagógicas atreladas aos filmes para desenvolver o ensino de forma mais atraente que o tradicional.

Kochhann et al. (2016) defendem que a utilização dos filmes em sala de aula promove uma educação diferenciada, que estimula o aluno ao debate e à aprendizagem. Nesse aspecto, torna-se indispensável um planejamento para que o filme não se limite a um mero entretenimento. Ao contrário, a atuação docente deve desmistificar a visão do mesmo como recreação, corroborando para ratificar os potenciais deste instrumento para o desenvolvimento da visão crítica dos alunos.

A utilização dos filmes e demais recursos tecnológicos pode revolucionar o trabalho docente, ampliando seu repertório e atraindo a atenção dos alunos. Mas é preciso preparar os estudantes para essa nova possibilidade de aprendizagem; é fundamental auxiliá-los na formação de pensamento crítico, para abertura a outros modos de viver e pensar (FISHER, 2007).

Domingues (2017) acredita que é importante observar que a utilização pedagógica dos filmes agrega valor às aulas tradicionais, podendo reforçar, incrementar ou ilustrar o conteúdo curricular ou mensagem que se pretende passar. Contudo, esse escopo somente será atingido se a atividade vier acompanhada de um planejamento que determine suas finalidades e torne a experiência cognitiva significativa.

O professor deve atuar como mediador do conhecimento, levando o aluno a aprender a pensar, questionar e refletir, e não simplesmente receber passivamente as informações (BULGRAEN, 2010). Isso é muito importante no combate a qualquer tipo de preconceito, pois aquele que pensa por si mesmo e é capaz de formar suas próprias opiniões procura conhecer a realidade antes de aceitar as ideias previamente concebidas, ou mesmo o preconceito repassado por gerações.

O cinema é uma fonte de ensino-aprendizagem que, se usado de forma correta, traz inúmeros benefícios, especialmente por tornar assuntos e temas não compreendidos em algo de fácil compreensão (KOCHHANN et al., 2016). Nessa direção, Souza (2006, p. 9) entende que “[...] o cinema é um rico material didático. Agente socializante e socializador, ele desperta interesses teóricos, questionamentos sociopolíticos, enriquecimento cultural”.

As questões relacionadas à homofobia, na maior parte dos casos, são envoltas em preconceito repassado por gerações, o que enrijece a compreensão dos indivíduos e sua aceitação sobre outras condições sexuais. Nesses casos, o filme, por representar de uma forma mais atrativa, acaba por revelar contextos vivenciados pelos expectadores e amplia as possibilidades de os alunos conseguirem se colocar no lugar do outro, como também desenvolver a empatia e o respeito ao próximo.

Não obstante o fascínio do cinema sobre as pessoas de todas as idades e classes sociais desde sua invenção em 1885, somente em 1998 ele foi oficialmente concebido como recurso pedagógico pelos PCNs. Embora tenha fixado o cinema como recurso muito útil ao processo de ensino e aprendizagem, em razão da falta de recursos necessários à grande parte das instituições de ensino, ele ainda se mantém longe da vida escolar de muitos alunos (DOMINGUES, 2017).

Entretanto, muito antes disso, desde 1920, a utilização dos filmes em escolas era discutida no país, momento em que intelectuais como Anísio Teixeira, Fernando Azevedo e Francisco Campos já aludiam o potencial dos recursos audiovisuais no ensino. O ano de 1931 marcou a publicação do livro *Cinema e Educação*, de Jonathas Serrano<sup>28</sup> e Francisco Venâncio Filho, que,

<sup>28</sup> Jonathas Serrano foi um estudioso que produziu reflexões sobre as produções fílmicas no Brasil. Como era um católico fervoroso suas obras tinham como véis a manutenção da ordem e

contrariando a postura da maioria dos professores da época, defendia o cinema como recurso pedagógico.

Conforme Costa (1987), o cinema, além de cultura, arte e entretenimento, é vitrine e espelho, pois permite a observação das mais diversas realidades, além de possibilitar que os espectadores se reconheçam nas cenas e nos personagens. Isso torna o cinema um válido dispositivo pedagógico, de modo que os filmes podem ser avaliados assim como os textos, mas ultrapassam a textualidade, por evidenciarem o contexto da sua produção e a leitura de imagens (DUARTE, 2002).

Assim, o cinema traz amplas possibilidades pelo fato de sua “leitura” ir além daquela propiciada por um texto. No filme, com suas linguagens visual, verbal e sonora, além do enredo e personagens, há os efeitos visuais e sonoros que são considerados na interpretação daquilo que se assiste (CHRISTOFOLETTI, 2009). Desse modo, os filmes facilitam o processo de ensino e aprendizagem por aproximarem da realidade, e, por meio de uma linguagem sedutora e sutil, estimularem as reflexões com finalidade pedagógica (OLIVEIRA et al., 2012).

O cinema não pode ter sua visão restrita a entretenimento ou negócio, pois é mais que isso, trata-se de uma “[...] linguagem formadora de opinião, propagadora de valores e aparato pedagógico” (CHRISTOFOLETTI, 2009, p. 608). Conforme dados da literatura brasileira sobre cinema e educação, os filmes são potenciais mediadores do desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo. Com isso, destaca-se o potencial dos mesmos como “[...] agentes mediadores na desnaturalização de questões de gênero e sexualidade” (CHRISTOFOLETTI, 2009, p. 606).

Conforme Oliveira et al. (2012, p.298),

empregar filmes como uma estratégia educativa é ajudar o aluno a reencontrar a cultura, porquanto o cinema é o campo onde a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados em uma mesma obra de arte”. Por isso, os autores concluem que os filmes sempre trazem possibilidades para o trabalho na educação.

---

dos bons costumes. Serrano tinha como uma de suas maiores vontades que as obras cinematográficas estivessem ligadas ao ideal católico de viver. Serrano também tinha preocupação com as possibilidades de quebra da ordem vigente que o cinema poderia provocar. Sua preocupação é de que o cinema poderia se tornar pernicioso para os adultos.

Isso ocorre porque as produções cinematográficas permitem uma aprendizagem dialógica, especialmente no ensino de História, pois conduzem o educando “[...] a elaborar a consciência histórica, forma de consciência humana relacionada imediatamente com a vida humana prática, e que se constitui, em última instância, no objetivo maior do ensino de História” (ABUD, 2003, p. 183). Isso se aproxima daquilo que se pretende ao discutir as temáticas LGBTQ+ por meio dos filmes, despertando nos alunos uma consciência mais humana e uma maior aceitação da diversidade que marca toda a história da humanidade.

A utilização dos filmes em sala de aula é uma maneira prazerosa de aprender e de levar os alunos a refletirem, considerando ainda que a exposição cinematográfica “[...] sensibiliza ainda mais os alunos a refletirem sobre o problema gerando argumentos para debate” (OLIVEIRA et al., 2012, p. 302). Os filmes favorecem discussões direcionadas para o alcance dos objetivos estabelecidos, o que é importante nos debates sobre a homofobia, nos quais o trabalho com filmes mais que referenciar uma história com enredo abordado a homossexualidade, pretendem levar os alunos a refletir sobre a diversidade e importância de se aceitar a condição sexual de todas as pessoas, independente de qual seja.

Nesse sentido, Barbosa (2005) reforça que os filmes aproximam os alunos da realidade que se pretende demonstrar, de modo que a arte estimula o desenvolvimento da percepção e imaginação para compreensão de novas realidades, aguçando a capacidade crítica para alterar a realidade analisada.

A conclusão sobre a utilização dos filmes como recursos pedagógicos apresentada por Chistofolletti (2009) é bem própria para a compreensão da utilização desta ferramenta no enfrentamento a homofobia.

O recurso ao cinema não é massivo, até porque os professores consideram que os filmes oferecem contribuição moderada para o aprendizado, servindo muito mais para envolver os alunos nas temáticas e conteúdos. Logo, o cinema é mais motivacional. Não se trata de um artifício para recreação do alunado, mas de uma estratégia – na maioria dos casos – planejada e articulada com os planos de ensino, mas com finalidades pedagógicas (CHRISTOFOLLETTI, 2009, p. 612).

Nas conclusões acima, o autor faz referência ao aspecto motivacional interligado aos filmes, o que é de fundamental importância nos debates acerca da homofobia, pois, antes de tudo, é preciso motivar toda a comunidade escolar para o enfrentamento do problema. A motivação é o que leva o ser humano a agir de determinado modo; é o que impulsiona as ações. Daí a importância de instigar os alunos a compreenderem a diversidade como algo natural, para aceitarem as diversas formas de manifestação do amor.

Um importante aspecto da utilização do cinema na práxis pedagógica está no poder de convencimento, visto que a história contada com recursos de som e imagem traz a sensação da realidade vivenciada pelos personagens, o que contribui para a aquisição do conhecimento e transformação da consciência (GUILHEM; DINIZ; ZICKER, 2007).

Esse pensamento vai ao encontro das ideias de Oliveira et al. (2004), que defendem a utilização dos filmes como propícia para a mobilização do interesse dos estudantes e maior abertura deles para experiências cognitivas e emocionais, que impacta sua visão de mundo e suas atitudes, dentro e fora da escola.

Pode-se considerar que a utilização de filmes que têm como tema a homossexualidade permite uma melhor visualização da realidade vivenciada pelos LGBTQ+, das suas dificuldades e preconceitos suportados. Isso pode levar os alunos heterossexuais e se colocarem no lugar daqueles que divergem do padrão heteronormativo, o que se acredita que motivará a aceitação da diversidade sexual e combate ao preconceito.

### **3.4 A Escolha do Filme**

As discussões acerca da sexualidade são cada vez mais constantes na mídia, em debates públicos e nos filmes com abordagem da diversidade sexual. Aos poucos, gays, lésbicas, travestis, transexuais e outros deixam de ser vistos como lendas urbanas, anomalias sociais e se tornam pessoas que lutam por direitos iguais, o que acaba acarretando na construção de novos direitos sociais. A temática da sexualidade tem sido abordada em todo o mundo, penetrando o coletivo e individual de inúmeras sociedades. Entretanto, no Brasil, esses debates e as maneiras de inserir a homossexualidade nos contextos.

político e público são voltados para peculiaridades que vêm do próprio processo de formação da sociedade brasileira, além das lógicas de modernização oriundas da realidade nacional.

Daí a necessidade de um bom planejamento da escolha dos filmes realmente adequada ao trabalho que se espera desenvolver de enfrentamento e combate a homofobia no ambiente escolar. Então, sugere-se a utilização dos filmes de produção nacionais mais recentes, que tenham como protagonistas jovens LGBTs em idade escolar. Para escolha dos filmes ser mais coerente com o contexto atual, as produções avaliadas foram as lançadas entre 2013 e 2017.

Como recomenda Domingues (2017) e Guilhem, Diniz e Zicker (2007), a escolha do filme a ser exibido em sala de aula deve considerar o potencial pedagógico do mesmo e as possibilidades de debate e análises por ele instigadas. É fundamental verificar se isso coadunada com a pretensão do professor e a bagagem cultural do aluno para entendimento do enredo que se pretende passar. Além do mais, é indispensável averiguar a adequação do filme à idade dos alunos.

Seguindo esses preceitos, balizou-se a garimpagem nos seguintes critérios: que o protagonista fosse um jovem em idade escolar entre 15 e 17 anos, faixa etária essa em que os jovens estão cursando o ensino médio. Além disso, era importante que dentre os cenários dos filmes estivessem presentes escola e o núcleo familiar do protagonista. Os resultados dessa primeira etapa da pesquisa apontaram apenas duas obras cinematográficas produzidas no período previamente definido de 2013 a 2017, quais sejam: *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho* (2014) e *Mãe Só Há Uma* (2016).

Ambos os filmes, além de preencherem os critérios definidos para escolha, guardam semelhanças com o espaço onde desempenho minhas atividades profissionais, uma escola de ensino médio que atende alunos na faixa de 15 a 18 anos. Além disso, outro ponto interessante é a abordagem representativa do homossexual no cinema de forma mais amistosa e positiva, que também abre espaço para a compreensão de como a condição sexual se reflete na sociedade brasileira.

O filme *Mãe Só Há Uma*, película de 82 minutos lançada em 2016, tem a direção de Ana Muylaert e conta no seu elenco principal com Naomi Nero, Dani

Nefussi e Matheus Nachtergaele. O enredo do longa conta a história do jovem estudante do ensino médio Pierre, então com 17 anos.

Através da história do protagonista, considerado um pouco rebelde, e que tem atitudes que não se enquadram no padrão heteronormativos, podem-se perceber os conflitos pelos quais passam os adolescentes que questionam esses padrões presentes na sociedade através da vivência de práticas comportamentais e/ou sexuais que quebram esses paradigmas. Na citada obra, há momentos de tensão principalmente entre o personagem principal e seu pai, já que esse último não aceita que seu rebento tenha comportamentos que o envergonhe diante da sociedade.

*Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, filme lançado em 2014, tem no elenco principal Guilherme Lobo e Fábio Audi vivendo os personagens Leonardo e Gabriel. A história se passa em grande parte na escola onde os personagens estudam e na casa de Leo, onde os dois colegas costumam fazer as atividades escolares. O enredo do filme trata da descoberta do amor homossexual entre dois adolescentes e os desafios advindos dessa experiência. Conforme Arthuso (2016), esse filme se apropria de estratégias de melodrama para discutir a inclusão das minorias no ambiente escolar.

Entretanto por uma questão de tempo e para não atrapalhar o andamento das atividades pedagógicas priorizamos aqui apenas um dos filmes, e dada sua temática, optamos por “ Hoje eu quero voltar sozinho.

Para o diretor de *Hoje eu quero voltar Sozinho*, o cinema pode contribuir para acabar de vez com o preconceito em relação à temática LGBTQ+, auxiliando na melhor aceitação daquilo que é diferente do padrão, especialmente no caso do filme que conta uma história de amor gay de forma mais inocente, o que contribui para sua aceitação se comparado a outros filmes nacionais que se dedicaram à temática com cenas mais escancaradas (MAGIOLI, 2014).

A aceitação dos filmes e as boas críticas recebidas se devem à apresentação da homossexualidade de uma forma mais positiva. O foco dos autores e diretores não está na sexualidade em si, mas na demonstração do amor e afeto entre pessoas do mesmo sexo, o que contribui para mudança na maneira de se enxergar o homossexual, entendendo-se que o amor entre pessoas do mesmo sexo não se distingue do amor heterossexual.

Os filmes correlacionam conteúdos que envolvem a temática da sexualidade na adolescência, o bullying e a diversidade sexual. Por isso, a partir deles é possível levar os alunos a refletirem sobre questões que envolvem as manifestações da homofobia, e comportamentos como exclusão na escola e na sociedade.

Depreende-se que ambos os filmes podem servir para a elaboração de uma intervenção prática junto aos alunos e para a abertura dos debates sobre a homofobia nas escolas, apresentando a temática em uma linguagem mais flexível e fácil de ser compreendida. Assim, os próprios expectadores, alunos com faixas etárias semelhantes a dos protagonistas dos filmes, poderão se colocar no lugar dos personagens e refletir sobre como é fazer uma escolha diversa da condição hetero em uma sociedade guiada pelo padrão heterossexual, bem como analisar as consequências dessa opção.

### 3.5 RELATO DA OFICINA CINEMA CONTRA AHOMOFOBIA

Para a realização das oficinas utilizei o tempo de h/a sendo cada hora/aula de 50 minutos. Dividi o tempo em hora/aula pois acho que dessa forma qualquer professor que tenha acesso a proposta poderá adaptar ao formato de sua escola, sendo que normalmente esse é o tempo mais usual das aulas. Vale ressaltar, que a oficina foi pensada para adolescentes do Ensino Médio.

A oficina foi realizada em três etapas a saber:

- 1ª etapa: Discussão de texto:
- 2ª etapa: Exibição do filme “*Hoje eu quero voltar sozinho*”
- 3ª etapa: Confecção de redação e Roteiro de programa de Rádio.

Logo abaixo é detalhada cada etapa.

#### 3.5.1 Roda de Conversa :Texto ‘Alvos de discriminação e exclusão, alunos contam o que esperam da escola’<sup>29</sup>.

Nesta etapa propusemos aos alunos a discussão do texto ‘*Alvos de discriminação e exclusão, alunos contam o que esperam da escola*’. Com este texto, que apresenta depoimentos reais de alunos do Ensino Médio, busquei trazer à tona para osicineiros as situações verídicas vividas por alunos LGBTQ+ dentro dos espaços escolares.

Foi realizada a leitura conjunta do texto entre o pesquisador e os participantes da oficina e na sequência foi aberto espaço para que os alunos falassem o que pensavam do assunto.

Durante 20 minutos lemos o texto e depois abrimos o debate onde os alunos expuseram que buscam uma escola que propague o respeito e a tolerância com indivíduos não heterossexuais e que acreditam que a escola deve sim se posicionar diante desta questão que é tão importante atualmente.

<sup>29</sup> Disponível em <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/o-que-alunos--querem-da-escola/>>. Acesso em 08/07/2019.

Penso que a escolha do texto ajudou a sensibilizar os alunos para a etapa seguinte que foi da exibição do filme. O mais importante desse momento da intervenção pedagógica foi perceber que essa realidade existe e como o preconceito e o bullying é cruel e desumano. Além disso, sensibilizou para que assistissem ao filme entendendo que a representação dos adolescentes no filme, apesar de ficcional, é baseado na vida real e que muitos desses jovens existem. Como muitos relataram, podem estar ao seu lado na escola.

Assim, vale destacar que esse caminho do trabalho foi a melhor escolha: Roda de Conversa com o texto base, Exibição do filme e por último a Produção de material. Seguir esse caminho leva, a meu ver a uma eficácia melhor tendo em vista que a reportagem sensibiliza bastante e o filme por tratar de uma forma bem natural sobre a descoberta do amor e desejos, típico dessa fase da vida, ajudou sobremaneira a sensibiliza-los para o debate.

Infelizmente, o tempo das aulas e espaço dado pela escola é pouco, pois o ideal é a realização da oficina com um tempo maior. A escola ainda padece do mal conteudista em que discussões transversais e fundamentais na formação acabam ficando fora da grade horária.

Ao fim desta etapa passamos a sinopse do filme para os alunos já se prepararem para a próxima atividade e respondemos algumas dúvidas que surgiram.

## SINOPSE DO FILME

Leonardo é um adolescente cego que, como qualquer adolescente, está em busca de seu lugar. Desejando ser mais independente, precisa lidar com suas limitações e a superproteção de sua mãe. Para decepção de sua inseparável melhor amiga, Giovana, ele planeja libertar-se de seu cotidiano fazendo uma viagem de intercâmbio. Porém a chegada de Gabriel, um novo aluno na escola, desperta sentimentos até então desconhecidos em Leonardo, fazendo-o redescobrir sua maneira de ver o mundo

Gênero: Drama.

Direção<sup>1</sup> e Roteiro: Daniel Ribeiro.

Classificação indicativa: 12 anos.

Elenco: Guilherme Lobo (Leonardo), Tess Amorim (Giovana), Fábio Audi (Gabriel), Isabela Guasco (Karina), Eucir de Souza (pai), Lúcia Romano (mãe), Selma Egrei (avó).

Produção: Diana Almeida.

Fotografia: Pierre de Kerchove.

Montagem: Cristian Chinen.

Direção de arte: Olivia Helena Sanches.

Trilha Sonora: Juliano Polimeno e Tatá Aeroplano.

Figurino: Kiki Oroma.

Duração: 96 minutos.



### 3.5.2 Exibição do filme

A exibição do filme transcorreu de forma tranquila para os participantes da oficina. Como dispúnhamos de pouco tempo para realização da atividade exibimos o filme em 2 horários de aula (100 minutos). Para conseguir exibir o filme completo, recorremos a um outro professor que cedeu 20 minutos para a finalização da atividade.



**Figura 20-** Cartaz de Hoje Eu Quero Voltar Sozinho

Marquei com os alunos para a semana seguinte o encontro para a realização de uma produção textual. Nesta etapa iríamos debater e elaborei alguns questionamentos: o que acharam de discutir a questão da LGBTQFOBIA nas escolas? Tinham alguma objeção e se a atividade realizada modificou alguma coisa na percepção e/ou atitudes?

Como essa atividade foi marcada para o contraturno, dei a opção de quem não pudesse comparecer, poderia fazer uma redação em casa e me entregar na semana seguinte.

Para um grupo de quatro alunos que estavam mais empenhados e nitidamente envolvidos com a oficina, sugeri que realizassem um roteiro para um programa de Rádio fictício<sup>30</sup>.

<sup>30</sup> O Programa recebeu o nome de 'A Hora da Diversidade' e a Rádio de 'Rádio Diversidade'.

### 3.5.3 Confeção de redação<sup>31</sup> e Roteiro de programa de Rádio

Na leitura das redações e do roteiro de Rádio pude verificar que os alunos querem de fato uma escola acolhedora e que respeite as diferenças, seja ele de cor, sexo, raça ou religião. Um olhar atento nas produções dos alunos me fez perceber que os estudantes se sensibilizaram com questões desse tipo quando conduzidas com delicadeza e seriedade.

Abaixo elenco algumas ideias presentes nos textos entregues:

- O filme é uma ótima opção para tratar o preconceito.
- Interessante usar esse filme na escola porque esse assunto é pouco tratado pelos professores.
- O que a gente fez hoje é bem diferente da programação normal da escola.
- É preciso debater na escola para aprender e não cometer preconceito
- Respeito tem que ser ensinado.

Vale destacar que houve quem discordasse:

- Esse não é assunto para tratar na escola: estamos aqui para aprender.
- O assunto é muito delicado para tratar na escola.

Por fim, ao termino da nossa atividade acredito que o objetivo foi atingido. Penso que nosso objetivo não é o de mudar, mas sim sensibilizar para a mudança. Acredito que a pesquisa mostrou que a escola deve ser um ambiente democrático e que de fato promova educação, em todos os sentidos. Os alunos precisam ter contato com as mais diversas atividades, linguagens e recursos para estimular debates e vivências. O trabalho com o filme acabou não apenas abrindo o debate para a questão da descoberta do amor, dos desejos, das relações homoafetivas, como também o respeito para qualquer orientação sexual. Também mostrou que da atividade proposta outras produções surgiram, criativas e instigantes como o programa de rádio. É assim, que acreditamos que

<sup>31</sup> Para evitar constrangimento ao expor propus que as redações não fossem identificadas.

a escola pode propiciar condições para a mudança e construção de pessoas mais justas, acolhedoras e solidarias.

## Considerações finais

A pesquisa “**CINEMA CONTRA HOMOFOBIA**”: **A utilização do cinema como recurso pedagógico contra a homofobia** tratou de um assunto relevante para a sociedade brasileira nos últimos tempos: o preconceito contra LGBTQ+. Como profissional de setor pedagógico e professor de história percebo que se nos educadores queremos uma sociedade menos preconceituosa devemos, aos poucos, inserir dentro das escolas ações que busquem demonstrar aos discentes a necessidade de compreender a diversidade humana, seja ela sexual, de cor ou religião.

Para o desenvolvimento da pesquisa em um primeiro momento apresentamos a construção do preconceito homofóbico e a perseguição no meio artístico a gays afetados. Elencamos ainda os argumentos científicos que sustentavam essa visão de anormalidade dos não LGBTQ+ e também dados acerca do bullying homofóbico.

No segundo instante desenvolvemos o estudo acerca do preconceito e, por conseguinte o surgimento dos grupos de defesa aos LGBTQ+ . Essa esquematização foi fundamental para que na terceira etapa pudéssemos inserir a discussão sobre os LGBTQ+ no cinema.

A terceira etapa da pesquisa debruçou-se sobre um breve levantamento da história do cinema no Brasil, da temática + e sua retratação na sétima arte. Nessa etapa um ponto importante tratado foi o uso do cinema como recurso pedagógico nas escolas. Consideramos esse ponto importante pois o foco de nosso trabalho é o uso do filme “Hoje eu quero voltar Sozinho” como mote para falar sobre a homofobia nas escolas.

O esquema acima representado nos conduziu para a progressão da pesquisa e a aplicação da oficina de intervenção.

A intervenção que realizamos foi feita com uma de conversa com base na leitura do texto ‘Alvos de discriminação e exclusão: alunos contam o que esperam da escola’, a exibição do filme e a elaboração de redações e um roteiro de programa de rádio com os alunos<sup>32</sup>.

<sup>32</sup>Constam como anexo tanto as redações como o Roteiro do Programa.

Considero o resultado da oficina como satisfatório pois de 10 alunos apenas 2 consideraram que a escola não deve debater essa temática. E na elaboração dos diálogos da oficina alguns alunos chegaram até a se emocionar. Isso mostra o potencial de uma atividade pedagógica. Assim o presente trabalho mostrou que existem os alunos estão dispostos a discutir LGTBFOBIA dentro das escolas e mudar visões ultrapassadas.

Desta forma, acredito que a pesquisa que propus atingiu seu objetivo que é o de sensibilizar os alunos a discutirem aquilo que por muito tempo as escolas, por razões diversas, olvidaram em discutir: o preconceito a indivíduos não heterossexuais. A escola certamente não poderá mudar o mundo, mas faz parte da transformação. Através dessa pesquisa, percebi a real função social da educação e como um trabalho, seja com um filme, como proposto aqui, ou qualquer outra linguagem, como quadrinhos, música, internet, etc, pode estimular debates e novas visões de mundo.

## FILME

Hoje Eu Quero Voltar Sozinho. Direção: Daniel Ribeiro. Produção: Diana Almeida. Brasil: Vitrine Filmes, 2014, 1 DVD.

## REFERÊNCIAS

ABUD, K. M. **A construção de uma didática da História:** algumas ideias sobre a utilização de filmes no ensino. *História*, São Paulo, v. 22, n.1, p. 183-193, 2003.

AMANCIO, T. **Artes e Manhas da Embrafilme:** Cinema Estatal Brasileiro em Sua Época de Ouro (1977-1981). Niterói: EdUFF, 2000.

ANTÓNIO, R. et al. Homophobic Bullying in School Context in Portugal. **Psicologia**, Lisboa, v. 26, n. 1, p. 17-32, 2012.

ARTHUSO, R. L. **Cinema independente e radicalismo acanhado:** ensaio sobre o novíssimo cinema brasileiro. 172f. 2016. Dissertação (Mestrado em Meios e Processos Audiovisuais) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade São Paulo, São Paulo, 2016.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE GAYS, LÉSBICAS E TRAVESTIS. **Carta de princípio da Associação Brasileira de gays, lésbicas e travestis.** 1995. Disponível em: <<http://abglt.org.br/port/cartaprinc.php>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

BARBOSA, A. M. **Arte e educação contemporânea.** São Paulo: Cortez, 2005.

BEZERRA, A. R. et al. Movimento LGBTQ+: breve contexto histórico e o movimento da região do Cariri. In: IV Seminário CETROS. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social, 2013, Fortaleza-CE. **Anais [...].** Itaperi: UECE, 2013.

BORRILLO, D. **Homofobia:** história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRANCO, P. G.; MENDES, G. F. **Curso de direito constitucional.** 7 ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais:** Tema Transversal Orientação Sexual. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem homofobia:** Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: MS/CNCD, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério dos Direitos Humanos. **Relatório de Violência Homofóbica no Brasil:** ano 2013. Brasília: MDH, 2016. Disponível em: <<http://www.mdh.gov.br/assuntos/LGBTQ+/dados-estatisticos/Relatorio2013.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

BULGRAEN, V. C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.4, p. 30-38, ago./dez. 2010.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, R. M. M. História do Cinema Brasileiro – Os Ciclos de Produção Mais Próximos ao Mercado. In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Florianópolis. **Anais [...].** Florianópolis: UFRGS, 2014.

CHRISTOFOLETTI, R. Filmes na sala de aula: recurso didático, abordagem pedagógica ou recreação?. **Revista de Educação**, Santa Maria, v. 34, n. 3, p. 603-616, set./dez. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/871/605> >. Acesso em: 12 jun. 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 001/99 de março de 1999.** Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da Orientação Sexual. Disponível em: <[http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999\\_1.pdf](http://pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999_1.pdf)>. Acesso em: 15 fev. 2019.

COSTA, A. **Compreender o cinema.** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1987.

DOMINGUES, J. E. **O cinema como recurso pedagógico no ensino de história.** Ensinar História, setembro de 2017. Disponível em: <<https://ensinarhistoriajoelza.com.br/cinema-no-ensino-de-historia/> >. Acesso em: 12 jun. 2019.

DUARTE, R. **Cinema e educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

FERNANDES, F. B. M. Assassinatos de travestis e “pais de santo” no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 98, p. 485-492, jul./set. 2013.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. **Revista Brasileira de Educação**, Juiz de Fora, v. 1, n. 25, p.105-115, 2003.

\_\_\_\_\_. Silêncio e silenciamento em torno das homossexualidades masculinas. In: FERRARI, A.; MARQUES, L. P. **Silêncios e educação**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011.

FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, p.290-299, mai./ago. 2007.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GAUTHIER, J. **Número de mortes de LGBTQ+s bate recorde em 2016 no Brasil; Bahia teve 32 homicídios**. Disponível em: <<http://blogs.correio24horas.com.br/mesalte/numero-de-mortes-de-LGBTQ+s-bate-recorde-em-2016-bahia-teve-32-homicidios/>>. Acesso em: 30 out. 2017.

GOHN, M. G. **História dos Movimentos e Lutas Sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Loyola, 1995.

GOIS, J. B. H. Homossexualidades projetadas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 515-518, jul. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000200020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000200020)>. Acessado em: 10 mai. 2019.

GOMES, P. E. S. **Cinema**: Trajetória no Subdesenvolvimento. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GONÇALVES, C. J. M. **A transexualidade sob a ótica dos direitos humanos: uma perspectiva e inclusão**. 262f. 2012. Tese (Doutorado em Direito). Faculdade de Direito. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

GUILHEM D.; DINIZ D.; ZICKER, F. **Pelas lentes do cinema- bioética e ética em pesquisa**. Brasília: UnB, 2007.

GUIMARÃES, A. F. P. O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v.17, n. 2, p. 553-567, 2009.

GUIMARAES, S. Diferentes fontes e linguagens no processo de ensino e aprendizagem: cinema. In:\_. **Didática e Práticas de Ensino de História**. 13 ed. Campinas: Papirus, 2012.

IGLHRC. International Gay and Lesbian Human Rights Commission. **A homossexualidade do decorrer da história**. 2010. Disponível em: <<https://www.outrightinternational.org/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações dobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília: Autor, 2012.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia**: limites e possibilidades de um conceito em meio de disputas. 2007. Disponível em: <<http://periodicos.ufrn.br/index.php/bagoas/article/viewFile/2256/1689>>. Acesso em: 19 jan. 2019.

KOCHHANN, A. et al. A importância do filme em sala de aula e o Guia GEFOPi: uma proposta didático-metodológica mediante a extensão universitária e pesquisa. In: III Congresso de ensino, pesquisa e extensão da UEG. Inovação: inclusão social e direitos, 2016, Pirenópolis-GO. **Anais [...]**. Pirenópolis: Universidade Estadual de Goiás, 2016.

KOEHLER, S. M. F. Homofobia, cultura e violências: a desinformação social. **Interacções**, v. 26, Número Especial, p. 129-151, 2013.

KREUTZ, K. **A história do cinema brasileiro**. Academia internacional de Cinema, 26 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.aicinema.com.br/a-historia-do-cinema-brasileiro/>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

LACERDA JÚNIOR, L. F. B. **Cinema gay brasileiro: políticas de representação e além 185f**. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação). Centro de Artes e Comunicação. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/15772/1/Cinema%20gay%20brasileiro%20%28PPGCOM%2c%202015%29.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

LAQUEUR, T. W. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, D. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2010b.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da sexualidade. In: \_\_\_\_\_(Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010a.

MAGIOLI, A. **Filmes despertam debate sobre homofobia e temática LGBTQ+ no cinema**. Portal Uai, 2014. Disponível em: <<https://www.uai.com.br/app/noticia/cinema/2014/05/27/noticias-cinema,155096/filmes-despertam-debate-sobre-homofobia-e-tematica-LGBTQ+-no-cinema.shtml>>. Acesso em: 02 jun. 2019.

MASCARELLO, Fernando (org). **História do cinema mundial**. Campinas. SP: Papyrus, 2006.

MARINHO, C. A. et al. Adaptação da escola de homofobia implícita e explícita ao contexto brasileiro. **Paidéia**, v.14, n. 29, p.371-379, 2004.

MELO, C. M.; MOREIRA, T. **Direitos fundamentais e dignidade da pessoa humana**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2015.

MORENO, A. **A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro**. 1995. 140 f. Dissertação (Mestrado em Artes). Instituto de Artes da Unicamp. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Personagem Homossexual no Cinema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Funarte/ Eduff, 2001.

MOTT, L. **A inquisição no Maranhão**. São Luís: Editora da Universidade Federal do Maranhão, 1994.

\_\_\_\_\_. História da Homossexualidade no Brasil. Cronologia dos Principais Destaques. In: X Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros, 2001, Maceió-AL. **Anais [...]**. Maceió, 2001.

\_\_\_\_\_. Homo-afetividade e direitos humanos. **Revista Estudos Feministas**, v.14, n.2, p. 509-521, 2006.

NARDI, H. C. ; COSTA, A. B. Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015.

NOVELINO, M. **Manual de direito constitucional**. 9 ed. São Paulo: Método, 2014.

NUNES, L. R. **O Princípio constitucional da dignidade da pessoa humana: doutrina e jurisprudência**. 3 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

OLIVEIRA, P. M. P. et al. Uso do filme como estratégia de ensino-aprendizagem sobre pessoas com deficiência: percepção de alunos de enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v.16, n.2, p. 297-305, abr./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v16n2/13.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

Pretes, É. A. & Vianna, T. (2008). "História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo". In: LOBATO, Wolney; SABINO, Cláudia & ABREU, João Francisco (orgs.). Iniciação Científica: destaques 2007 Vol. I. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas. p. 313-392 PIEROTH, B.; SCHLINK, B. Direitos fundamentais. São Paulo: Saraiva, 2011.

PINEL, H. **Apenas dois rapazes e uma educação social: cinema, existencialismo e educação**. Vitória, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educadores da noite**. Belo Horizonte: NUEX-PSI, 2004.]

Quinalha, Renan Honorio. **Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)**. 2017. 329 f. Tese. (Doutorado em Relações Internacionais). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

JRAMOS, A. F. Historiografia do cinema brasileiro diante das fronteiras entre o trágico e o cômico: redescobrimo a "Chanchada. Fênix – **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 2, n. 4, p. 1-15, out./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF5/ARTIGO%204%20-%20ALCIDES%20FREIRE%20RAMOS.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2019.

REIS, E. F.; STROHSCHOEN, A. A. G. Filmes na sala de aula como estratégia pedagógica para aprendizagem ativa. Disponível em <<https://educacaopublica.cederj.edu.br/artigos/18/15/filmes-na-sala-de-aula-como-estrategia-pedaggica-para-aprendizagem-ativa>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

ROMANI, S.; ROJOBAC, R. Por que debater sobre a interculturalidade é importante para a educação?. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 127, Ano XI, p. 65-70, dez. 2011.

RONDINI, C. A.; TEIXEIRA FILHO, F. S.; TOLEDO, L. G. Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 57-71, jan./abr. 2017.

SARLET, I. W.; MARINONI, L. G.; MITIDIERO, D. **Curso de direito constitucional**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. 4. ed. Campinas: Papirus

SIMÕES, M. C. **John Stuart Mill e a liberdade**. São Paulo: Zahar, 2015.

SOUSA, A. L. A.; QUEIROGA, C. V. A.; TIMÓTEO, L. M. O papel da escola no enfrentamento da homofobia. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, n. 2, suplementar, p. 408-419, set. 2017.

SOUZA, E. P. (Org.). **Negritude, cinema e educação: caminhos para a implementação da Lei 10.639/2003**. v. 1. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

TEIXEIRA FILHO, F. S.; MARRETTO, C. A. R. Homossexualidades, homofobia e tentativas de suicídio em adolescentes LGBTQ+1. **Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder**. Florianópolis, 2008.

TESSARIOLI, G. M. Todos a favor da educação sexual. In: H. C. F. RIBEIRO et al. (Eds.). **As minhas, as suas, as nossas sexualidades**. São Paulo:CEPCoS, 2013.

TONELI, M. J. F. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In: JACÓ-VILELA, A.M.; SATO, L. (Orgs.). **Diálogos em psicologia social**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-12.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2019.

TORRES, M. A. **A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBTQ+ na escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

UNESCO. **Resposta do setor de educação ao bullying homofóbico**. Brasília: Unesco, 2013. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000221314>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

VIANY, A. **Introdução ao Cinema Brasileiro**. Rio de Janeiro: Alhambra-Embrafilme, 1987.

WELZER- LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.2, p.460-472,2001.

# ANEXOS

CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA: TRABALHANDO O FILME "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO"

**ORIENTAÇÃO:** Após assistir as cenas do filme "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO" e a roda de conversa que você participou, antes da exibição do filme, faça um pequeno texto relatando o sentimento que discutir esse assunto na escola despertou em você e como você se posiciona em relação a inserção dessas temas. na educação.

É difícil acreditar que o preconceito atua na sociedade, como em uma sociedade onde a escola está no meio de todo o sistema. Ao assistir o filme eu pude perceber que a escola é um caminho para modificar essa situação na sociedade, pois é nela que deparamos com várias classes sociais e a diversidade de pessoas. Ao se tratar do filme pode perceber que o romance entre dois jovens se trata de um jovem cego, onde mostra que o amor não se trata de algo visual e sentimental onde romance entre dois homens ocorre de forma natural. Nesse modo conclui que o filme é uma ótima de quebrar os paradigmas dentro da escola e vencer a luta contra o preconceito.

CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA: TRABALHANDO O FILME "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO"

**ORIENTAÇÃO:** Após assistir as cenas do filme "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO" e a roda de conversa que você participou, antes da exibição do filme, faça um pequeno texto relatando o sentimento que discutir esse assunto na escola despertou em você e como você se posiciona em relação a inserção dessas temas. na educação.

É interessante assistir filme que se trata de homossexualidade, pois é um assunto não muito comum na escola, não temo o tempo todo com isso. A escola se tratar disso, seria muito importante, pois como estamos para estudar conteúdos que muito vezes não são importante, então muda um pouco da diferença do escola ou da comunidade que vivemos, nos torna uma pessoa mais compreensiva e sem preconceito. O filme me deixou muito comovido muito sentimento com uma pessoa que nunca se viu operas criada em sua imaginação acho muito difícil se por no lugar do outro. Assim pode perceber que a escola servirá um ótimo caminho para dar para o próximo com o sentimento e não com a visão de julgamento.

CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA: TRABALHANDO O FILME "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO"

**ORIENTAÇÃO:** Após assistir as cenas do filme "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO" e a roda de conversa que você participou, antes da exibição do filme, faça um pequeno texto relatando o sentimento que discutir esse assunto na escola despertou em você e como você se posiciona em relação a inserção dessas temas. na educação.

Tratar de homofobia no momento é algo muito complicado, pois a amor vejo a luta pelo respeito e igualdade. Vejo que para essas pessoas é muito difícil seu respeito, assim como o negro busca seu direito a dinâmica cor me fez pensar muito de como o preconceito é cruel e como as palavras machucam as pessoas, pois elas não escolhem nascer ou viver uma vida assim. O filme me deixou com duas situações a questão de uma pessoa cega e outra homossexual, achei muito lindo o filme e me encaixei bem dentro do assunto. Acho bem interessante a escola tratar desse assunto pois não é algo novo, mas que tem uma história de luta e sacrifício, se todo aluno sair da escola com a mente de respeito ao próximo independente de cor, orientação sexual, religião, assim construir um mundo melhor com mais respeito e menos violência.

CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA: TRABALHANDO O FILME "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO"

**ORIENTAÇÃO:** Após assistir as cenas do filme "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO" e a roda de conversa que você participou, antes da exibição do filme, faça um pequeno texto relatando o sentimento que discutir esse assunto na escola despertou em você e como você se posiciona em relação a inserção dessas temas. na educação.

Gostei muito do filme e tem diferente da programação que se vê na escola, pode perceber que ele mostra dois tipos de preconceito que é a deficiência visual e a questão dos rapazes ser gay, mas o filme apresentou muita coisa, entre elas que existe verdadeiro sentimento entre as pessoas do mesmo sexo e que a visão não impede do rapaz de viver uma vida normal. No mundo atual é muito difícil os gays ter sua liberdade de viver, e não que nas escolas existem muitos meninos preconceituosos. Eu acho muito importante tratar esse assunto na escola, pois assim como aprendemos as matérias, podemos ter mais respeito com o próximo, tornando as coisas mais normais, livre de preconceito.

CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA: TRABALHANDO O FILME "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO"

**ORIENTAÇÃO:** Após assistir as cenas do filme "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO" e a roda de conversa que você participou, antes da exibição do filme, faça um pequeno texto relatando o sentimento que discutir esse assunto na escola despertou em você e como você se posiciona em relação a inserção dessas temas. na educação.

A introdução do filme trouxe uma grande reação para os alunos, ao longo do dia, muitos puderam perceber que o amor está além da reação que a reação do sentimento pode ocorrer entre seres diferentes, assim como entre dois seres iguais.

A forma como o filme foi tratado pode parecer que é muito importante ser tratado de assunto nos escolas, pois com isso podemos trabalhar com uma visão diferente de que se vive dentro da nossa casa, assim a escola poderia ser um meio de mudar o pensamento na maioria, na qual podemos ver tanta violência no mundo atual, entre os pais.

CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA: TRABALHANDO O FILME "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO"

ORIENTAÇÃO: Após assistir as cenas do filme "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO" e a roda de conversa que você participou, antes da exibição do filme, faça um pequeno texto relatando o sentimento que discutir esse assunto na escola despertou em você e como você se posiciona em relação a inserção dessas temas na educação.

O preconceito contra os gays realmente é real, vejo sempre nos noticiários o que acontece na escola é a primeira vez que se trata do assunto, uma vez que os professores somente preocupam com o conteúdo e não nos têm um cidadão de bem. No primeiro momento com a dinâmica pode parecer que está no Brasil e algo normal no meu dia-a-dia, pois por isso não sou, na escola, até amigos de meu amigo. Em outro momento foi tão lindo o filme que pode parecer que o amor é real, bem gostoso, sem preconceito, sem dor e sem pensar na dificuldade alheia. Acho bastante errado se tratar do assunto dentro do ambiente escolar, pois é um lugar de construção e não contribuir o respeito ao próximo. A cada mesmo a compreensão que as pessoas são diferentes, acho que falar em escolas deveria se tratar do assunto, pois o jovem de hoje é o cidadão responsável de amanhã.

CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA: TRABALHANDO O FILME "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO"

**ORIENTAÇÃO:** Após assistir as cenas do filme "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO" e a roda de conversa que você participou, antes da exibição do filme, faça um pequeno texto relatando o sentimento que discutir esse assunto na escola despertou em você e como você se posiciona em relação a inserção dessas temas. na educação.

Não acho que é um assunto para ser tratado em escola, estamos aqui para aprender. E o respeito devemos trazer de casa, os meus pais sabe muito bem me educar a como tratar uma pessoa. A dinâmica achei muito engraçada pois era cheio de piadas, mais o filme achei sem graça, pois não é um filme que ensina algo novo ou interessante. mas de uma maneira ruim que foi um show de linguagem. Não acho que a escola deve implantar esse tipo de coisa, pois tanta gente passando fome, tanta pessoa sofrendo em hospitais, deveríamos se preocupar mais com isso e não com o show das pessoas que querem aparecer no show que o reconhecimento não que reconhecemos que eles existe, e que em vez de lutar pelos direitos deveriam estudar para mudar vidas e não para ser reconhecidos que eles gosta da mesma coisa

CINEMA E EDUCAÇÃO NA ESCOLA: TRABALHANDO O FILME "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO"

**ORIENTAÇÃO:** Após assistir as cenas do filme "HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO" e a roda de conversa que você participou, antes da exibição do filme, faça um pequeno texto relatando o sentimento que discutir esse assunto na escola despertou em você e como você se posiciona em relação a inserção dessas temas. na educação.

Eu achei um assunto muito delicado para se tratar dentro do escola, pois nos deparamos com o preconceito a todo momento desde piadas, a palavras homofóbicas até agressões. A dinâmica trouxe uma reflexão muito grande, pois as frases homofóbicas não são muito pesadas para uma pessoa que não tem uma alta autoestima. Já o filme pode deparar com a realidade o sentimento de amor entre as pessoas independente do sexo. O mais interessante da dinâmica e do filme que os dois juntos pode perceber como o mundo é injusto e como as pessoas são fortes para viver, contra a sociedade e com o seu sentimento. Desta maneira percebe que a intenção escolar é uma prática para mudar a prática homofóbica dentro e fora do escola.

## **ROTEIRO DO PROGRAMA DE RÁDIO: 'A HORA DA DIVERSIDADE'**

**DURAÇÃO: 15 MINUTOS.**

**APRESENTAÇÃO: WLADIMIR LUXURIA ( LOCUTOR 1) E NIKOLAY WILLIS  
(LOCUTOR 2)**

### **VINHETA DE ABERTURA**

**LOCUTOR 1:** BOA TARDE! ESTAMOS INICIANDO MAIS UM PROGRAMA " A HORA DA DIVERSIDADE" HOJE É 10 DE DEZEMBRO DE 2019 ESSE PROGRAMA CONTA COM A MINHA APRESENTAÇÃO WLADIMIR LUXUARIA E DO MEU COLEGA NIKOLAY WILLIS.

**LOCUTOR 2:** A PAUTA DO PROGRAMA DE HOJE É MUITO ESPECIAL. VAMOS FALAR NO PROGRAMA DE HOJE DE UMA DOENÇA SOCIAL MUITO GRAVE.

**LOCUTOR 1:** HOMOFOBIA OU MAIS ABRANGENTEMENTE LGBTFOBIA. E PRA FALAR ACERCA DESSE PRECONCEITO CONTAMOS, EM NOSSO ESTUDIO NO ALTO DO BELA VISTA, COM A PRESENÇA DA ESTUDANTE DO ENSINO MEDIO KASHA JACQUELINE, DA PROFESSORA QUE POR QUESTOES PESSOAIS SERA AQUI CHAMADA DE PROFESSORA ENGAJADA, DA MAE DE UM ALUNO HOMOSSEXUAL MARSHA PEREIRA JOHNSON

**LOCUTOR 2:** ANTES DE INICIAR AS NOSSAS PERGUNTAS AOS NOSSOS ENTREVISTADOS VOU CHAMAR UMA SONORA DE UMA REPORTAGEM DISPONÍVEL NO SITE DO G1 QUE MOSTRA FRASES HOMOFÓBICAS DISPONÍVEIS NOS BOLETINS DE OCORRÊNCIA AO QUAL O VEÍCULO TEVE ACESSO.

### **AUDIO DAS FRASES HOMOFÓBICAS**

**LOCUTOR 2:** DEPOIS DE OUVIR ESSAS FRASES QUE CHEGARAM A ME DEIXAR ARREPIADO GOSTARIA DE FAZER UMA PERGUNTA A NOSSA CONVIDADA KASHA JACQUELINE, ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA ESTADUAL:

**LOCUTOR 2:** BOM DIA KASHA, OBRIGADO POR ACEITAR O NOSSO CONVITE.

**KASHA:** OBRIGADA A VOCÊS, WLADIMIR LUXURIA E NIKOLAY WILLIS POR ME CONVIDAR.

**LOCUTOR 1:** KASHA CONTA PRA GENTE QUE O VOCÊ SENTE QUANDO OUVI FRASES DESSE TIPO?

**KASHA:** EU ME SINTO BASTANTE CONSTRANGIDA. NINGUÉM DEVE E PODE INTERFERIR NA SEXUALIDADE DO OUTRO, NEM EM CASA, NEM

NA ESCOLA, NO TRABALHO, ENFIM NINGUÉM PODE TENTAR MOLDAR A SEXUALIDADE ALHEIA. A GENTE NÃO ESCOLHE A SEXUALIDADE QUE TEM A GENTE NASCE ASSIM E PONTO. NÃO ADIANTA O PODER PÚBLICO TENTAR AMORDAÇAR A GENTE, OS PRECONCEITUOSOS DE PLANTÃO TENTAREM NOS DESTRUIR NOS SOMOS MAIS FORTES, VAMOS VENCER. NÃO ADIANTA FALAREM QUE O MENINO VESTE AZUL E A MENINA VESTE ROSA PORQUE NÃO SOMOS MARIONETES PARA SERMOS MANIPULADOS: SOMOS SERES HUMANOS QUE TEMOS DIREITO DE VIVER DA FORMA QUE SOMOS. ADIANTA SER UM LGBT ENRUSTIDO? INFELIZ?

**LOCUTOR 1:** VOCÊ JÁ PRESENCIOU ALGUMA VEZ NA SUA VIDA ALGUÉM PASSAR POR UMA VIOLÊNCIA HOMOFÓBICA? E SE SIM VOCÊ PODE CONTAR PRA GENTE A SITUAÇÃO SEM MENCIONAR, OBVIAMENTE A IDENTIDADE DA PESSOA QUE SOFREU ESSA VIOLÊNCIA?

**KASHA** SIM. EM UMA DAS ESCOLAS PELAS QUAIS PASSEI JÁ OUVI ALGUNS COLEGAS PASSAREM POR QUESTÕES DE PRECONCEITO SIM. TINHA UM COLEGA QUE SAIA DE CASA PARA IR PARA A AULA E NO CAMINHO SE MAQUIAVA COM BATOM, RÍMEL E ROUGE CHEGAVA NA ESCOLA TODO MAQUIADO E OS MENINOS CHAMAVAM ELE DE BICHA, VIADO, BAITOLA E OUTROS NOMES FEIOS. DIZIAM QUE IA FAZER ISSO E AQUILO COM ELE. ESSE COLEGA TINHA ESSE MESMO PROBLEMA DE HOMOFÓBIA EM CASA PORQUE A MÃE NÃO ACEITAVA ASEXUALIDADE DELE, DIZIA QUE ERA COISA DO DIABO, QUE ELE ESTAVA COM A POMBA-GIRA NO CORPO. ELA TAMBÉM CULPAVA A ESCOLA PELO FILHO DELE 'SER' ASSIM. PARA ELA ERA A ESCOLA QUE ESTAVA FAZENDO O MENINO DELA SER GAY. ELE ACABOU SAINDO DA ESCOLA POR VÁRIAS RAZOES ENTRE ELAS A HOMOFÓBIA DOS COLEGAS, ELE SE SENTIA MUITO ISOLADO.

**KASHA** OUTRA SITUAÇÃO FOI DE UNS PAIS QUE FORAM NA ESCOLA PROIBIR O FILHO DE DANÇAR EM UMA APRESENTAÇÃO QUE IA TER LÁ. PARA ELES EXISTEM COISAS QUE SÃO DE MENINO E COISAS QUE SÃO DE MENINAS. ESSE COLEGA, HOJE NÃO TENHO MAIS CONTATO COM ELE PORQUE OS PAIS MUDARAM ELE DE ESCOLA, TINHA SE ASSUMIDO RECENTEMENTE SUA HOMOSSEXUALIDADE. ESSES SÃO OS 2 CASOS QUE LEMBRO POR AGORA. ESTOU UM POUCO NERVOSA. DESCULPE SE FALEI RÁPIDO DEMAIS OU GAGUEJEI.

**LOCUTOR 1:** PEGANDO GANCHO NA FALA DA NOSSA ENTREVISTADA GOSTARIA DE POR AQUI NA NOSSA RODA DE CONVERSA O SEGUINTE DISCURSO DE UMA PERSONAGEM DA POLÍTICA NACIONAL QUE ESTEVE NO CENTRO DAS DISCUSSÕES E QUE DE FORMA DIRETA OU INDIRETAMENTE DEU GÁS PARA OS HOMOFÓBICOS.

**FALA DE DAMARES DE JESUS: MENINOS VESTEM AZUL E MENINAS VESTEM ROSA**

**LOCUTOR1:** COMO DIRIA O NOSSO CELEBRE COLEGA BORIS CASOY: “ ISSO É UMA VERGONHA”.

**LOCUTOR 2:** KASHA NESSE MOMENTO POLITICO TÃO TURBULENTO DO NOSSO BRASIL COMO VOCE, UMA ESTUDANTE TÃO CONSCIENTE E CRITICA, VÊ ESSA FALA DA MINISTRA DAMARES DE JESUS?

**KASHA:** EU VEJO COMO UM GRANDE DESSERVICO A SOCIEDADE. OS JÁ SOFREM TANTO PRECONCEITO NO DIA A DIA E ESSA MINISTRA VEM AGORA E FALA UMA COISA DESTAS. ERA MELHOR TER FICADO CALADA. A GENTE SABE QUE ESSA FALA DELA DEU UMA VITAMINADA PARA OS HOMOFOBICOS. EU QUERIA DEIXAR AQUI UM RECADO PRA ELA: DONA MINISTRA MANEIRA NAS PALAVRAS AI VIU MANA. O PIOR E QUE MUITOS VOTARAM NOZ GOVERNO QUE ELA FAZ PARTE. É LAMENTAVEL.

**MARSHA PEREIRA JOHNSON:** EU TAMBEM QUERIA FALAR PARA A DONA DAMARIS: “ QUERIDA MINISTRA A SENHORA É MÃE ASSIM COMO EU. PENSE ANTES DE FALAR AS COISAS. AS PALAVRAS TEM PODER. EU SOU MAE DE UM LGBT E ACEITO O MEU FILHO ASSIM COMO ELE É: ELE NÃO NASCEU ERRADO ELE SÓ NASCEU. MAS QUANDO ELE SAI EU NÃO DURMO ANTES DELE CHEGAR PORQUE MORRO DE MEDO DELE SER AGREDIDO NOVAMENTE NA RUA POR CAUSA DA SEXUALIDADE DELE. ESPERO DE CORAÇÃO QUE A SENHORA NÃO MORDA A LINGUA E NÃO VENHA A TER UM FILHO LGBT PORQUE NOS MAES DE QUE ACEITAMOS OS NOSSOS FILHOS SO TEMOS MEDO DELE SEREM AGREDIDOS LÁ FORA PELA SOCIEDADE.

**LOCUTOR 2:** PROFESSORA A SENHORA TEM ALGO PARA ACRESCENTAR:

**PROFESSORA ENGAJADA:** APENAS UMA FRASE: NÃO VAMOS DESISTIR. RESISTÊNCIA JÁ!!!

**LOCUTOR 1:** É GENTE A SITUAÇÃO É TENSA! MAS NÃO PODEMOS COMO A PROFESSORA DISSE DESISTIR DE LUTAR E DESISTIR DE QUEM SOMOS. QUANDO FORMOS VITIMAS DE PRÁTICAS HOMOFÓBICAS VAMOS RECORRER A JUSTIÇA, REGISTRAR B.O, SIM. VAMOS A LUTA. ESCUTEM SÓ ESSA CAMPANHA E GRAVEM ESSE NUMERO 100.

**CAMPANHA DE COMBATE A HOMOFÓBIA. DISQUE 100**

**LOCUTOR 2:** PARA DESCONTRAIR UM POUCO AGORA VAMOS PARA UM INTERVALO MUSICAL E JÁ JÁ VOLTAMOS COM MAIS PERGUNTAS PARA OS NOSSOS CONVIDADOS.

**MÚSICA JOHNNY HOOKER (PART. LINIKER) - FLUTUA**

**LOCUTOR 2:** ESTAMOS DE VOLTA COM O NOSSO PROGRAMA ‘ A HORA DA DIVERSIDADE’. AGORA VAMOS ENTREVISTAR A A PROFESSORA ENGAJADA E A ALUNA KASHA JACQUELINE.

**LOCUTOR 1:** PROFESSORA ENGAJADA NOS CONTE QUEM É A SENHORA:

**PROFESSORA ENGAJADA** SOU PROFESSORA FORMADA A MAIS DE 15 ANOS EM HISTÓRIA E ATUALMENTE SOU POS GRADUADA NO MESTRADO EM HISTÓRIA DA UFG/CATALÃO. ATUALMENTE LECIONO HISTÓRIA PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM UMA ESCOLA ESTADUAL QUE PREFIRO NÃO MENCIONAR O NOME.

**LOCUTOR 2:** PROFESSORA ENGAJADA QUAL O OLHAR QUE A SENHORA VE NA QUESTÃO DA HOMOFOBIA NA ESCOLA?

**PROFESSORA ENGAJADA:** OLHA EU TENHO UMA OLHAR DE PREOCUPAÇÃO COM ESSA QUESTÃO. A PEDAGOGIA NOS ENSINA A TER UMA OLHAR DE INCLUSÃO NA ESCOLA E ISSO NÃO ESTA RELACIONADO APENAS AOS PNEs MAS SIM A TODAS AS PESSOAS QUE SE SENTEM DISCRIMINADAS E ISOLADAS NAS ESCOLAS COMO É O CASO DOS . É PRECISO QUE AS ESCOLAS, DE UMA FORMA GERAL, INSIRAM A DISCUSSÃO DOS PRECONCEITOS NO SEU DIA A DIA. ISSO É UMA SITUAÇÃO QUE DEVE ACONTECER URGENTE. OS ALUNOS NÃO VÃO ALI PARA SEREM MAL TRATADOS EM RAZAO DE SUA COR, SEXUALIDADE OU RELIGIÃO. ELES VÃO ALI PARA APRENDER.

**LOCUTOR 1:** A SENHORA JÁ FEZ EM SUAS AULAS DE HISTÓRIA ALGUM PROJETO OU OFICINA PARA TENTAR CONSCIENTIZAR OS ALUNOS A RESPEITAREM A SEXUALIDADE ALHEIA?

**PROFESSORA ENGAJADA:**SIM. EU SEMPRE BUSCO TRABALHAR ESSA QUESTÃO COM OS MEUS ALUNOS. FAÇO ISSO PORQUE ESSA ATITUDE DEVE FAZER PARTE DA FUNÇÃO DOS PROFESSORES. NÓS DEVEMOS BUSCAR MELHORAR A SOCIEDADE MESMO QUE DE FORMA PEQUENA. E ASSIM QUE EU PENSO.

**LOCUTOR 2:** QUAL PROJETO QUE A SENHORA APLICOU E PODE MENCIONAR PRA GENTE?

**PROFESSORA ENGAJADA:** TEM UM PROJETO QUE EU ACHEI MARAVILHOSO QUE EU APLIQUEI COM UNS ALUNOS E QUE SERVIU COMO MOTE PARA MINHA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO. A KASHA JACQUELINE E DESSA TURMA DE ALUNOS E ELA PODE PARTICIPAR DESSA FALA NOSSA AQUI.

**LOCUTOR 1:** COMO FOI ESSE PROJETO?

**PROFESSORA ENGAJADA :** NESSE PROJETO EU FIZ UMA LIGAÇÃO ENTRE O USO DO CINEMA NAS ESCOLAS E O COMBATE A DISCRIMINAÇÃO HOMOFOBICA UTILIZANDO UM FILME QUE TRATA DE FORMA SINGELA ESSA QUESTÃO QUE É O FILME “ HOJE EU NÃO QUERO VOLTAR SOZINHO”.

**LOCUTOR 2:** COMO FOI REALIZADO?

**PROFESSORA ENGAJADA** EU TRABALHEI NA PRIMEIRA AULA ALGUMAS FRASES HOMOFÓBICAS E SUA DESCONSTRUÇÃO. NA SEGUNDA E TERCEIRA AULA APRESENTAMOS A SINOPSE DO FILME E A OBRA PROPRIAMENTE DITA E NA QUARTA AULA PEDI AOS ALUNOS QUE FIZESSEM UMA REDAÇÃO SOBRE O TEMA SE ACHAVAM QUE A ESCOLA DEVERIA OU NÃO DEBATER A QUESTÃO E O PORQUE.

**LOCUTOR 1:** E OS ALUNOS O QUE ACHARAM?

**PROFESSORA ENGAJADA:** A MAIORIA ADOROU O TEMA. APENAS DOIS ACHARAM QUE AQUILO NÃO DEVERIA SER DA CONTA DA ESCOLA. ALGUNS ALUNOS ATÉ SE JUNTARAM PARA FAZER UM PROGRAMA DE RÁDIO. VC ACREDITA NISSO?

**LOCUTOR 2:** ACREDITO SIM.

**LOCUTOR 2:** KASHA JACQUELINE, A PROFESSORA ENGAJADA DISSE QUE VOCE PARTICIPOU DAS OFICINAS. QUAL A SUA OPINIÃO?

**KASHA:** A MINHA OPINIÃO É QUE DEVERIA EXISTIR 1000 PROFESSORAS ENGAJADAS PORQUE A NOSSA PROFESSORA É MARAH. ELA NÃO TEM MEDO DE DISCUTIR ESSAS QUESTÕES SOBRE HOMOFÓBIA POR QUE ELA PENSA, E EU CONCORDO, QUE ISSO É FUNÇÃO DA ESCOLA: LEVAR OS ALUNOS A PENSAR SOBRE OS TEMAS SIM. COM RELAÇÃO A OFICINA QUE ELA DEU FOI FOFINHA DEMAIS. O FILME TRATA DE FORMA LEVE A DESCOBERTA DA SEXUALIDADE. EU GOSTEI DEMAIS.

**MARSHA PEREIRA JOHNSON:** EU CONHEÇO A PROFESSORA ENGAJADA E ASSINO EMBAIXO. MEU FILHO FOI ALUNO DELA E SE TORNOU UM CIDADÃO CONSCIENTE GRACAS AS SUAS AULAS. A DIRETORA DA ESCOLA ONDE ELA TRABALHA DISSE EM UMA REUNIÃO QUE APÓS OS PROJETOS DELA NA ESCOLA NÃO TEM ACONTECIDO RAROS CASOS DE HOMOFÓBIA. DOU OS MEUS PARABENS A ELA.

**PROFESSORA ENGAJADA:** OBRIGADA MARSHA JOHNSON. ANTES DE ENCERRAR MINHA PARTICIPAÇÃO GOSTARIA DE INDICAR PARA QUEM ESTA AI EM CASA O DOCUMENTÁRIO DEPOIS DA TEMPESTADE. E SÓ PROCURAR NO YOUTUBE. QUALQUER DUVIDA PODE ME CHAMAR NO MEU EMAIL: [PROFESSORAENGAJADA@GMAIL.COM](mailto:PROFESSORAENGAJADA@GMAIL.COM). OBRIGADO PELO ESPAÇO WLADIMIR LUXURIA E NIKOLAY WILLIS.

**LOCUTOR 2:** O BALANÇO QUE FAÇO DA NOSSA DISCUSSÃO AQUI HOJE É QUE UM DOS PASSOS PARA QUE AS PESSOAS COMEÇEM A VER OS COM OUTROS OLHOS COMEÇA PELA EDUCAÇÃO E PELA INSERÇÃO DESSE TEMA NA ESCOLA. GOSTARIA AQUI DE DAR UM SALVA DE PALMAS PARA A PROFESSORA ENGAJADA QUE REPRESENTA TODOS OS PROFESSORES QUE LUTAM CONTRA A HOMOFÓBIA NAS ESCOLAS

**SALVA DE PALMA**

**LOCUTOR 1:** AGRADECEMOS AOS NOSSOS ENTREVISTADOS E A VOCÊ NOSSO RÁDIOOUVINTE QUE NOS OUVIPELAS ONDAS SONORAS DA RADIO DIVERSIDADE OU TAMBEM PELO NOSSO SITE. SIGA-NOS EM NOSSAS PAGINAS NO TWITTER, FACEBOOK E INSTAGRAM, DEIXE SEUS COMENTARIOS, CRITICAS OU SUGESTÕES.

**LOCUTOR 2:** BOA TARDE!!! MAS PARA ENCERRAR VAMOS DEIXAR UMA MÚSICA

**MUSICA CODINIOME BEIJA FLOR**

## SINOPSE DO FILME

Leonardo é um adolescente cego que, como qualquer adolescente, está em busca de seu lugar. Desejando ser mais independente, precisa lidar com suas limitações e a superproteção de sua mãe. Para decepção de sua inseparável melhor amiga, Giovana, ele planeja libertar-se de seu cotidiano fazendo uma viagem de intercâmbio. Porém a chegada de Gabriel, um novo aluno na escola, desperta sentimentos até então desconhecidos em Leonardo, fazendo-o redescobrir sua maneira de ver o mundo.

## FICHA TÉCNICA

**Distribuição:** Vitrine Filmes

**País:** Brasil

**Gênero:** romance

**Ano de produção:** 2014

**Duração:** 95 minutos

**Classificação:** 12 anos

**Direção:** Daniel Ribeiro

**Roteiro:** Daniel Ribeiro

**Elenco:** Guilherme Lobo, Fabio Audi, Tess Amorim.

## HETEROHOMOBITRANSSEXUALIDADE

“Será que um dia entenderão o meu  
porquê?”

Uma vez sonhei que o mundo me aceitava

Que ser homo era uma forma de ser

Que ninguém condenava

É necessária uma lei para me proteger?

Mas e os olhares nas ruas que finjo nem  
ver?

Os dedos que para mim apontam

Mostram quem eles são

Condenados da coragem de eu ser quem

sou

E eles sabem quem são?

Hoje hetero. Amanhã homo. Não é  
escolha não!

“Você apenas reconhece como se  
percebe”

**Thaysse Pombo**

Folder elaborado pelo Mestrando Marcos Tadeu Pereira de Queiroz como roteiro do produto final de sua pesquisa de Mestrado pelo Programa de Mestrado Profissional em História da Universidade Federal de Goiás/UFG-Regional Catalão.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
GOIAS/REGIONAL CATALÃO

UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE HISTÓRIA  
E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**“CINEMA CONTRA HOMOFOBIA”**

**A utilização do cinema como  
recurso pedagógico contra a  
homofobia**

**Por Marcos Tadeu P. de Queiroz**



**DEZEMBRO/2019**

## ROTEIRO DA OFICINA

### Tema: CINEMA CONTRA HOMOFOBIA”

A utilização do cinema como recurso pedagógico contra a homofobia

**Tempo de duração:** 5 horas/aula cada uma de 50 minutos cada.

**Público-alvo:** Alunos do ensino médio. Mínimo de 10 e máximo de 20 alunos por oficina.

**Objetivos gerais:** Discutir com os alunos episódios de homofobia e sensibilizá-los para respeitar aqueles que não se enquadram no padrão heteronormativo mostrando a eles a pluralidade da existência humana.

## ORGANIZAÇÃO GERAL

### 1º Encontro

**Tempo de duração:** 50 minutos (1 horário)

**Atividade:** Apresentação dos objetivos da oficina e roda de conversa a partir da leitura conjunta e discussão do texto ‘**Alvos de discriminação e exclusão, alunos contam o que esperam da escola**’

00:20: Leitura do texto.

00:20: Discussão do texto.

00:10 Apresentação da sinopse do filme “Hoje eu quero voltar sozinho” para os alunos.

**Orientação:** Assim, vale destacar que esse caminho do trabalho foi a melhor

escolha: Roda de Conversa com o texto base, Exibição do filme e por último a Produção de material. Seguir esse caminho leva, a meu ver a uma eficácia melhor tendo em vista que a reportagem sensibiliza bastante e o filme por tratar de uma forma bem natural sobre a descoberta do amor e desejos, típico dessa fase da vida, ajudou sobremaneira a sensibiliza-los para o debate.

### 2º Encontro

**Tempo de duração:** 100 minutos (2horarios)

**Atividade:** Exibição do filme “Hoje eu quero voltar sozinho”.

### 3º Encontro

**Tempo de duração:** 100 minutos (2horarios)

**Atividade 1:** Produção textual sobre o que os alunos pensam sobre a inserção da discussão do bullying LGBTQ+ na escola e o que aprenderam com o texto de apoio e com a exibição do filme.

**Atividade 2:** Uma segunda atividade foi proposta com a criação de um roteiro de programa de rádio chamado de ‘A Hora da Diversidade’ com duração de 17:56 minutos. Ajudei os alunos a criarem o roteiro. Penso que essa é uma atividade bem interessante a ser realizada.

**Obs.:** Infelizmente, o tempo das aulas e espaço dado pela escola é pouco, pois o ideal é a realização da oficina com um tempo maior. A escola ainda padece do mal conteudista em que discussões transversais e fundamentais na formação acabam ficando fora da grade horária.

Léo: Imagina que legal você poder ir para um lugar que ninguém te conhece. Você pode inventar uma personalidade nova se você quiser.

Giovana: Ué você não gosta da sua personalidade?

Léo: Gosto. Mas o problema não sou eu.”

(Giovana e Léo – Hoje eu quero voltar sozinho)